



I FESTIVAL DE ESCREVIVÊNCIAS DO CFAC/UFSB

POESIA - PROSA - DRAMATURGIA - VIDEOPOEMA

ÉDER RODRIGUES E LOA LUZ
[ORGS.]

ARTES 
COMUNICAÇÃO

PROEX
Pró-Reitoria de Extensão
e Cultura



Catálogo na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)
Sistema de Bibliotecas (SIBI)

P953 I Festival de escriturências do CFAC/UFSB: poesia – prosa – dramaturgia
– vídeopoema. [recurso eletrônico]. / Organizadores: Éder Rodrigues, Loa
Luz. – Porto Seguro: UFSB, 2022.

133 p. ; PDF; 2.457 kb.

Vários Autores

ISBN: 978-65-87232-18-8

1. Arte. 2. Escrita. 3. Festival. 4. Escriturências. I. Rodrigues, Éder. II. Luz,
Loa. III. Título.

CDD – 700.74

Agradecimentos

À todos/as que se inscreveram no festival acreditando no potencial transformador da arte. À artista Erlane Rosa, pela capa, à comunidade do CFAC e à PROEX/UFSB.

Sumário

Prefácio	4
Comissão Avaliadora	5
Professora Homenageada	6
Poesia	
Categoria Público Interno	
Trabalhos Premiados	8
Trabalhos Seleccionados	14
Categoria Público Externo	
Trabalhos Premiados	52
Trabalhos Seleccionados	59
Prosa [conto/crônica]	
Categoria Público Interno	
Trabalhos Premiados	86
Trabalhos Seleccionados	98
Categoria Público Externo	
Trabalho Premiado	107
Dramaturgia [cena curta/roteiro cinematográfico/peça teatral]	
Trabalhos premiados	110
Videopoema	
Trabalhos Premiados	127
Ficha Técnica	130

Prefácio

Este livro celebra a arte da escrita e compartilha os trabalhos que se destacaram no I Festival de Escrevivências do Centro de Formação em Artes e Comunicação da Universidade Federal do Sul da Bahia.

O festival foi institucionalizado no formato de projeto de extensão com o objetivo de fomentar um espaço voltado para a experimentação, a escrita de narrativas e a tessitura de subjetividades. Conhecer outras narrativas, histórias e outros jeitos de contar foi o ponto de partida do projeto que percorreu os três campus da UFSB, os CUNI's e também chegou às escolas da rede regular de ensino do Sul e Extremo Sul da Bahia com o intuito de compor uma topografia sensível das escritas e vivências dos jovens da região nas 4 modalidades contempladas na primeira edição: 1) Poesia; 2) Prosa (conto ou crônica); 3) Dramaturgia (cena curta, roteiro cinematográfico ou peça teatral) e 4) Videopoema.

O termo *escrevivências* vem sendo difundido pela escritora Conceição Evaristo como um processo de escrita que se utiliza da vivência para tecer narrativas reais, contadas e inventadas que remetem à experiência coletiva. Escrever passa a ser um instrumento e um fundamento de tessitura de histórias nos diversos segmentos que, a partir da singularidade e da particularidade grafada, atravessa a experiência do “eu” e se desloca até os territórios e às fronteiras das experiências coletivizadas. É exatamente essa experimentação sensível e escritural que o Festival de Escrevivências do CFAC procura fomentar, integrando a comunidade acadêmica com a comunidade escolar externa por meio da via sensível que a escrita promove.

Convidamos todos/as os/as leitores a conhecer as formas sensíveis e resistentes com que nossos/as jovens têm tecido e costurado os fios do partilhável e do indizível.

Esse Projeto de Extensão contou com o apoio da PROSIS/UFSB e foi contemplado pela Pró-Reitoria de Sustentabilidade e Integração Social por meio do Edital nº 14/2019.

Prof. Dr. Éder Rodrigues da Silva
Coordenador do Projeto
CFAC/UFSB

Comissão Avaliadora do I Festival de Escrivências do CFAC/UFSB

Profa. Dra. Franciane Conceição Silva - Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Gabriel Nascimento (UFSB)

Profa. Dra. Isabel Belasco (UFSB)

Profa. Dra. Dodi Tavares Borges Leal (UFSB)

Profa. Dra. Cinara de Araújo (UFSB),

Profa. Dra. Clarissa Santos Silva (UFSB)

Profa. Dra. Cristiane Lima (UFSB)

Prof. Dr. Leonardo da Silva Souza (UFSB)

Prof. Dr. Marcelo Wasem (UFSB)

Integrante da Comissão Organizadora

Larissa Malheiros - Estudante do CSC/UFSB

Professora Homenageada

Com o intuito de homenagear docentes da rede regular de ensino que atuam de forma direta no fomento das práticas da escrita, o I Festival de Escrevivências do CFAC/UFSB homenageia e destaca o trabalho da professora Ione Marias, de Porto Seguro.

Poesia

Categoria: público interno

Trabalhos Premiados

Sertão no pé

O nascimento de minha escrita
pulou de uma mangueira no açude,
subiu no pé de tamarindo,
andou num jumento pra pegar água,
nadou na corda puxada da canoa,
lambeu o sal da vaca,
tocou o triângulo na festa,
olhou a zabumba sendo tocada.

22 tios do pai. 10 da mãe.

No meio da mata,
brincando de casinha,
fogão de lenha na cozinha,
vovó e mainha.

Banho de piscina na coxia das vacas.
À noite, queijo de manteiga e de coalho na prensa.

Do pereiro, as galinhas.
Em cima da porteira,
histórias contadas,
histórias cantadas.

Marretada na cabeça do bode,
do porco,
da vaca.

É festa lá no sítio de São Fernando.

Mainha se junta às amigas pra fazer a buchada.
Agulha e linha na mão.
E não acabava.

Tanta lembrança vaga,
acho que eu adormecia,
porque não lembro o que mais tinha.

Chegava na cidade, numa era os pássaros,
Cruzeta e minhas cinco primas.
Noutra era a bicicleta, o dia inteiro em cima dela.
Dique, rio, cemitério.
Jucurutu, cidade bela.
Minha voinha emborcadinha sempre me criou muito
bem,
me chamava de medonha.

Eu roubava o diário de minhas primas mais velhas,
corria tanto, mas sempre era pega.

Lembro que no carnaval painho e mainha
levantavam uma barraca dentro do rio.
E ali mainha fazia os peixes.
Peixe eu, vivia dentro do rio.

1º Lugar

Autoria: Verônica Eulália de Medeiros

Curso de Especialização em Dramaturgias Expandidas do Corpo e dos Saberes Populares

Centro de Formação em Artes e Comunicação/Campus Sosígenes Costa/UFSB

Florezinhas de Pimenta e Farinha

Desde muito pequena
Escutava Rosa contar
Sobre seus dia na roça
Em Camacá, e a rezar
As ladainhas e os terços
A benção a abençoar

Fia de negra e de negro
Na labuta desde cedo
Começou a trabaiá
Cozinhou no Cruz de Malta
Neste e em outros lugá
Era proibido merendar

Se escondia no banheiro
Pedaço de pão na mão
Pra mode não desmaiar
Uma vida muito dura
Suas fia na vizinha
Para ela ir trabaiá

Houve dia em que a farinha
Era só o que elas tinham
Com florezinhas de pimenta
Para se alimentar
E agradecia a Deus
Antes de irem deitar

A casinha na Passagem
A maré levou pros peixe
Dormiam em cavaletes
Uma esteira pra forrá
Mas a Rosa era sabida
Sabia economizá

Comprou logo um terreninho
Logo, logo fez seu ninho
Enraizou e foi morar
E no centro da cidade
Rua 15 de novembro
Lá no Bairro Pacatá

Me ensinou a escrever
Me ensinou a escrever
Me ensinou o que é viver
Me ensinou o que é amar
Resta saudade da Rosa
Ela jamais morrerá.

Menção Honrosa

Autoria: Vanda Neves dos Santos

Curso de Especialização em Pedagogia das Artes: linguagens artísticas e ação cultural

Centro de Formação em Artes e Comunicação/Campus Sosígenes Costa/UFSB

Corpo que bala

O helicóptero joga bala sobre a maré
No dia vinte de junho
Mas nem era dia de Cosme e Damião!?
Uma das balas caiu no baço
De um menino que ia à escola
E deixou um gosto amargo na boca
Do complexo da maré
O menino cai no chão.
Para ele, hoje, não terá aula não.
Hoje, ele vai ao hospital público
E depois de hoje nunca mais
Irà à escola,
Pois caiu uma bala
No meio do seu caminho.
No meio dos caminhos da Maré
Caíram muitas balas,
Mas uma atravessou o corpo
Negro e frágil do menino da Maré
Que caiu no chão.
Por que será que as balas
Só caem sobre as peles negras
Das pessoas da periferia?
O que fizemos para receber
Tantas balas?
Balas que nos deixam um gosto
Amargo na boca
Uma dor no estômago
E um menino sem baço
Sem escola
Sem futuro
Sem vida
Será que a vida
Que pulsa debaixo da pele negra
É desimportante?
Ou eles querem continuar
Nos exterminando
Com essa desculpa
Esfarrapada de unidade polícia pacificadora?
Que “pacífica” com a necropolítica
Do estado, das elites e das polícias
Sobre os corpos negros
Que bala ao chão
“Ah! Mãe, será que eles não viram que eu estava de uniforme da escola?”

Menção Honrosa

Autoria: Marcelo Nascimento Dias

Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais

Campus Sosígenes Costa/UFSB

Trabalhos Seleccionados

MO RI OORUN NI ALE (Iô)

Ela é Egito e Mesopotâmia.
Ela é Grécia e Israel.
Ela está em tudo inclusive em Roma.
Ela é Iolita!
Linda de todos os lados.
Ela é o renascimento da minha mulungu.
Suas palavras são frutos.
Que adoçam a minha alma.
Me chama de PRETA!
Traz nos cabelos fios de ouro.
Tem olhar amendoados
Na pele a cor e a delicadeza do mel.
A Bahia toda dança quando ela dança.
Nasceu das abelhas
Ela é rainha.
É fonte primária!
É texto! É paisagem
É poesia, é poema!
É barro, é ouro.
Funde-se com o sol
Era noite e eu via um girassol!

Autoria: Cláudia Vanessa Gomes Moura

Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais

Campus Sosígenes Costa/UFSB

Resistência

A consciência sempre foi o teu oráculo.
A vida toda, ela te acompanhou.
Antes de acontecer você sabia o que te aguardava.
Recebeu em sonhos os sinais de tua caminhada.
Sabia o gosto ácido que terias que provar.
Ela mostrou o solo seco por onde irias caminhar.
Você sabia que a estrada era longa,
E os passos seriam pequenos.
Que ira cansar.
Encontrar com as feras e as pedras.
Mesmo assim: escolheu seguir.
Sabia que cada chicotada recebida pelas costas ardia.
Mesmo assim ficou em pé para resistir.
Sabia que iram te negar a água.
E que a fome terias que provar.
Mesmo assim o desejou.
Os teus espaços seriam todos limitados.
E decidiu seguir.
Tu sabias, que a tua essência seria modificada.
E mesmo assim você foi.
Sabias que seria capturada,
Engaiolada.
E que iriam divertir com seu jeito “exótico” de ser.
Mesmo assim foi.
Desvirginaram e contrabandearam suas ideias.
Farejaram o seu odor do medo,
E mutilaram a sua esperança.
A tua história sempre foi assim.
Por que pensavas que aqui seria Diferente?

Autoria: Cláudia Vanessa Gomes Moura

Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais

Campus Sosígenes Costa/UFSB

Cotidiano

Depois de uma noite de insônia
Acordou lá pras dez
Pegou toda força que ainda tinha
E tocou no chão os pés
Entrou rápido no banheiro
Como sempre abriu o armário
Um costume tão rotineiro
Pegou escova e a pasta
Se viu no espelho
E não conseguiu se enxergar
Como antes era, seu inteiro

Pegou um copo na cozinha
Café, leite e biscoito
Sentou na cama e lembrou
Daquela conta de 38

Entrou de novo no banheiro
Se encarou meio sem jeito
Olhou pro seu corpo inteiro
Tocou seu cabelo, seu rosto, seu peito
Entrou de cabeça na água
Pra lavar todo o pensamento
E conseguiu esquecer de tudo
Mesmo que só por um momento

Saiu, se vestiu, penteou o cabelo
E só aí percebeu que se esqueceu
De preparar o almoço do dia
Não foi a primeira vez que isso aconteceu

Pega a bolsa, o capote e tranca a casa
Corre o mais rápido que pode
Mais uma vez atrasada pro ônibus
Mais rápido ainda ela sobe
Se acomoda no seu lugar
Na cadeira onde o sol não cobre

Fone no ouvido, aperto, suor
Pessoas, uma ou outra conversa banal
Desce do ônibus e entra na sala
Toda a tarde lembrando do caos matinal
Na volta, correria pra voltar sentada
Senta e agradece a volta
Mais um dia nesse inferno
Um dia a menos pra conta

Desce e vem andando
Abre o portão, a porta, a bolsa, a calça
Fecha a vida, fecha o sonho, fecha a esperança

Tudo que mais quer nesse momento
É voltar naquele tempo
Que não precisava disso
Que a única coisa que bastava era um
caderninho
Um lápis e uma folha
Hoje nem uma garrafa sem rolha
Consegue fazê-la esquecer
Que não foi isso que ela sonhou

No final do dia, é só ela
Sua cama, uma música, nenhum alarde
E uma vontade insana
De que tudo isso acabe
E um dia aquilo que ela sonhou
Se realize mais cedo ou mais tarde

Autoria: Camila Melo de Santana

Bacharelado Interdisciplinar em Artes — Campus Sosígenes Costa/UFSB

Sem título, sem finais e com amor

Amar é ficar, faça chuva ou faça sol, um poeta me disse uma vez.

Me surpreendi quando você se foi e disse que foi porque me amava.

Me surpreendi mais ainda quando vi que em menos de uma semana já não éramos nada e que o que tínhamos prometido durar pra sempre se esvaiu por minhas mãos em segundos sem que eu pudesse ao menos dizer adeus.

Você me pediu para ir, disse que precisava, tomou uma água, e se foi por aquela porta nem sequer virou as costas, nem olhou uma última vez.

Tudo o que juramos você deixou no beijo que me deu ao sair me deixando aqui vulnerável a você, sem poder te ver e incapaz de não sentir que falta um pedaço de mim e eu te odeio por isso odeio te ver, e odeio mais ainda quando você some sem dizer o porquê eu odeio o jeito que seus olhos se fecham toda vez que você sorri.

Odeio sua voz arrastada e sua risada.

Eu odeio o jeito que você caminha pelos corredores odeio saber notícias suas e odeio não saber de você.

Eu odeio ler o que você escreve, ver o que você faz e odeio a ausência das suas palavras e gestos.

Odeio não falar com você a noite inteira odeio a falta que sua boca faz na minha, odeio as lembranças dos nossos corpos juntos.

Eu odeio a falsa esperança de um possível nós de novo acontecer odeio com todas as minhas forças amar você.

Te amar me faz tão mal que chego a odiar a mim por não conseguir odiar nada em você dói lembrar você, Dói ver que tudo lembra você uma risada de um estranho na rua, o cheiro do perfume que você usava, o mar, um copo de cerveja, o maldito pôr do sol que sonhei ver junto com você, os lugares que ficamos juntos tudo nesse mundo reflete seu maldito rosto.

Só te peço que vá com as lembranças, memórias, promessas, vá e te leve de mim ou volte (por favor volte) e fique pra sempre mas não me deixe na incerteza de saber se você vem ou se foi de vez pra nunca mais voltar.

Autoria: Camila Melo de Santana

Bacharelado Interdisciplinar em Artes — Campus Sosígenes Costa/UFSB

Restam-me 40

Meus relacionamentos fracassados me fortaleceram.

Nós, os antigos, sabemos muitas coisas e já nos esquecemos de tantas outras.

Seríamos a prova viva de que um relacionamento pode atravessar as barreiras do tempo?

Você e eu somos a própria vida.

Querida Ana,

para nós dois, além da nossa idade, além da nossa vida, privilégio é o encontro nessa trilha.

Será que consigo voltar a cometer as tolices da juventude? Uns passam por isso com bravura e eficiência,

sem medo da velhice

ou em como vão estar até chegar aos quarenta. Sinceramente, não há nada para discutir.

Não há nada para lembrar. Precisamos apenas tentar.

Conhecê-la, no auge da contemporaneidade, com as décadas da minha idade somada à sua,

faz a geração baby boomers silenciar

pois a definição do nosso amor, é inefável. Me sinto como um jovem tolo,

sempre achando que sei sobre tudo e mais um pouco.

Na verdade, descubro sempre algo novo.

Sobre nós – você e eu –, corro.

Prefiro não pensar mais sobre tudo. Prefiro não me importar por termos nos apaixonado na “melhor idade”.

A parte que me cabe viver e sentir é aquela em que você está agora. Sociedade parada na ignorância dos velhos desacreditados,

ouvimos sussurros do medo.

Pergunto-me

se essas pessoas que um dia sentiram vontade de viver

como hoje em dia não conseguem tentar amar antes de morrer?

Querida Ana,

desejo morrer aos 110 anos.

Restam-me 40.

Durante 30 anos quero fazer amor com você.

Nos outros 10, escrever poesias.

Autoria: Syrene Fernandes Marques de Oliveira

Bacharelado Interdisciplinar em Artes — Campus Sosígenes Costa/UFSB

Sem vida, sem título, sem cor

O sentimento animalesco da coisa amarra a noite vazia da coruja
Treme em corpos, o brilho dos mortos
E o vigor viscoso de um néctar musgoso
Na vontade do povo ele some do risco
Riscado no passo do contraste descompassado
As palavras dançam desordenadas
Trocam de pares sem aviso para o canto do sabiá

Canta mudo, canta tão belo,
emudece para bradar, sem voz, sem coração
Cantarola pelas veias saltantes dando um adeus à noção
Tadinha, vai embora sem a coragem, o perdão

Encontra na rua a solidão da rima
sem tesão de uma noite rotineira
Colorida pela imensidão de um animal sem vida

Autoria: Breno dos Santos França

Curso Som Imagem e Movimento — Campus Sosígenes Costa/UFSB

Primavera

E ela vem trazendo Novidades,
Desabrochando felicidades,
Espalhando o doce néctar do amor
Presta atenção no som
A primavera chegou.
E então, antes da primavera,
Uma flor começa a desabrochar,
Trazendo a felicidade que só ela sabe passar.
Alguns dizem: É uma flor roxa...
Outros têm borboletas no estômago
Mas todos perdem a força na voz
Falam mansinho, enquanto o coração
Bate veloz.
Esquece como andar,
Por isso as pernas bambeiam
Tudo fica mais lindo
O dia amanhece sorrindo.
Nessa primavera, permita-se.
Apaixone-se.
A primavera chegou
Tempo de alegria e espalhar o amor
Mas o céu continua cinza
O sol não apareceu
Cobrindo o rosto
As lágrimas do redentor, desceu
A primeira noite da primavera
Estava mais para frios dias de inverno
A PM cumpria a missão dada
Pelo demônio evangélico
Atirou na moto que correu
Acertou aquela que carregava a marca de Deus
Hoje tem honrarias no céu
A marca de Deus no mundo
Volta vestindo véu
Despreparo e truculência
Eles julgam e dão a sentença
O blindado agora tem asas

E o governador providencia balas
Disparadas pela polícia racista
Qual Deus serve esse demônio Nazista?
A culpa não é só do Witzel
Desde Marcelo Alencar
Só a Benedita da Silva
Olhou com empatia para as favelas
O sangue da pequena inocente
Também esta nas mãos do Crivella
Está na hora de parar a chacina infantil
Silenciar o coral de fuzil
Eles podem atrasar
Mas não podem impedir a primavera de chegar
Vamos pôr a voz na rua
Essa dor não é só da família
É minha, é sua.
Juntos somos mais fortes e nossa luta continua

Autoria: Emanuel Lucas Silva e Silva

Bacharelado Interdisciplinas em Humanidades — Campus Jorge Amado/UFSB

Eu não consigo respirar

Cabeça tá rodando
Parece brisa de droga
Pressão sobe e desce
Falta-me o ar
Bateu, bateu, não entendi direito.
O que estou ouvindo?
Vem mesmo de um presidente eleito?
A mente derreteu, bugou
Brisado nem um pouco
Tô fritando no óleo de coco
Aquela que vem pra revitalizar e proteger
Está matando para aparecer
Isso não se parece com ONG's
Está mais para outra instituição
E começa com a letra P
Passando fogo no mato, mata.
Diz que a bala veio de outro cano
Achei que fui dopado, mas não.
É só a realidade gritando
Amazônia em chamas
O pulmão do mundo sofre
Com um câncer sentado e coroado em Brasília
O psicótico da SS,
acha mais fácil pôr a culpa nos ambientalistas
Protetor de pecuaristas,
Esqueceu-se da reunião para início dos trabalhos
no dia do fogo
Onde a bancada ruralista iria começar a
trabalhar
10 de agosto só pra sua memória refrescar
290 agrotóxicos liberados
Muito antes do mês do desgosto começar
O problema não começou nesse fogo
Ele era problema só da gente
Mas quando esse maldito câncer
O pulmão do mundo sufocar
Vou ouvir gringo gritar
I can not breath
Eu não consigo respirar

O fogo na Amazônia
Fez a noite chegar
Na capital paulistana mais cedo
Veneno caiu do céu
Fumaça líquida
As mazelas do norte e nordeste não irão te afetar?
Pense de novo
As fronteiras estão só no mapa
Aceite seu erro
Dê sua cara a tapa
Ainda há tempo para mudar.
É sangue e clorofila
Esse doente os índios aniquila
Até quando não vai te afetar?
Não fica em *shock*
Já atualizou o passaporte?
Diz que ama o Brasil
Mas quando a coisa aperta, foge
Covarde em tempos de guerra
Herói em tempos de paz
Quando a natureza começar a se vingar
Vai encomendando mais um cu pra tu tomar
Porque ter um cu só pra tomar
Vai ser bem pouco.

Autoria: Emanuel Lucas Silva e Silva

Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades — Campus Jorge Amado/UFSB

Braços que se tornam asas

Debruçada sobre a mesa
Perdida em pensamentos
Dor e sofrimento
São o fundo desta cena

Já não há caminho certo
Obscuro é o futuro
Desalento e solidão
São companheiros deste dia

Ouçõ passos na entrada
Sinto cheiro de suor
Sobre o dorso estendido
Surge um corpo protetor

Braços se tornam asas
Sobre um corpo esmaecido
Calor humano sem igual
Nunca mais vou encontrar

Autoria: Rosa Maria Bonella Laver
Curso de Medicina — Campus Paulo Freire/UFSB

Marcas de mãos desenhadas

A minha sobrevivência, depende das minhas mãos
Da terra tiro o sustento, a minha alimentação
Quisera um dia pudesse, manter minha tradição
Ah quão bom seria, rever os meus irmãos
Que um dia foram mortos por gente sem coração

Não foi a terra nossa, ou foi só ilusão?
Tiraram nossa terra, nosso pedaço de chão
Agora poluem os rios

É tanta devastação
As marcas das minhas mãos
Pra sempre vão ficar
Gravadas naquela pedra
Por onde hão de passar

Autoria: Adílson Santos

Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades — Campus Jorge Amado/UFSB

Ágatha Félix

Ágatha Félix
8 anos
Rio de Janeiro.

Pow! Pow! Pow!

Uma menina baleada
Na volta para casa
Com, sua mãe.

Pow! Pow! Pow!

Caída no chão
Família, lágrimas, enterro
Polícia que mata
Complexo do Alemão.

Pow! Pow!

Witzel, Witzel, Witzel
Justiça! Justiça! Justiça?!
Atividade policial
Quem são os bandidos?!

Pow! Pow!

Quem vai proteger as crianças?
Criança Esperança?
Ágatha foi a quinta criança a morrer
no Rio de Janeiro
Rio. Bala. Vida.

Pow! Pow!

Em nome da guerra contra o crime
Contra o crime?!

A Política de Segurança Pública de
Wilson Witzel
Wilson Witzel
Wilson Witzel
Auschwitz
Ultrapassou todos os limites éticos
Todos os limites éticos!
Que pudesse diferenciá-los das
ações dos traficantes e milicianos
Traficantes e milicianos!
Que dominam os territórios
abandonados pelo Estado.
Abandonados pelo Estado!
Abandonados pelo Estado!
Abandonados pelo Estado!

Pow! Pow! Pow!

Autoria: Alessandra Barbosa Adão; Gilsária de Jesus Teixeira; Renata Gonçalves Bernardes
Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais
Campus Jorge Amado/UFSB

Empatia

Eu não entendo porque sinto tanto
Sinto dores que nunca senti
De lugares que nunca vivi
Basta uma história me contar
Para a lágrima vir a rolar
A dor do outro é tão minha
Que comigo sempre se alinha
Áurea de cura é assim
Às vezes a dor do outro
Dói até mais em mim

Autoria: Isabele Pereira Nascimento

Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais

Campus Jorge Amado/UFSB

Moinhos de ventos

A vida é um moinho
Movido a ventos
Sua pele delicada
Como a aragem sob a sombra...
Os vendavais desmontam
nossas engrenagens
Olhos enxergam os lapsos
de esquecimentos que
sempre tenho...
Não basta só ter vivido
se a vida não te viveu
Não quero o gosto do sal
O doce meu me lembra o seu...
Seremos eternos
Enquanto somos lembrados
E o esquecimento é uma das
piores ingratidões a ser vista...
Visito meus amigos todos
os dias nas minhas orações
Cito frases, ditas a alguém
que me interessou demais
E jamais me entregarei
Serei um pobre elegante
nos meus gestos e gostos
que jamais causarão
um desgosto.

Autoria: Sergio Luiz Souza Ferreira

Bacharelado Interdisciplinar em Artes — Campus Sosígenes Costa/UFSP

Emoções

Rememorando minhas traquinagens
Trago sempre as imagens e as aventuras
de um moleque cheio de vida...
E nas descobertas de novos mundos
Senti bem lá no fundo como dói
A tal da saudade se mistura
com a maldade pra nos fazer sofrer.
A casa dos meus pais
Dos quintais cheios de flores
Das cancelas e janelas que pulei
Nos galhos dos umbuzeiros
Os riachos cheios em janeiro...
Pouco me importava com o tempo
Pensávamos que éramos eternos
Mas hoje ele corre
E tudo que corre cansa
Vivo encantado das boas memórias
E belas histórias que podemos
narrar da vida vivida que vivi
Das sensações que senti
Quando no meu Barro Vermelho "Pisei"
Se chorei ou se sorri,
o importante é que emoções eu vivi
E viverei toda vez
que retornar.

Autoria: Sergio Luiz Souza Ferreira

Bacharelado Interdisciplinar em Artes — Campus Sosígenes Costa/UFSP

Proseando

Quero um canto pro meu
descanso esmorecer...
Fazer um manto depois
Do espanto me conhecer
Dizer coisas belas eu sei
Que são elas que fazem
Seu corpo estremecer...
Saborear numa brisa
O corpo quente avisa que
O coração acelera e as emoções
são aquelas, depois se revelam
com a nudez do tempo...
Que nada esconde e só ele
responde a todas as perguntas
Sem permutas, sem máscaras
Nem maquiagens, entramos
Numa viagem...
Conhecendo a mim mesmo
Cada dia me surpreendo
Vejo em mim o cara do carrão
O vendedor de limão, o esmole
de gravatas, no rosto, na pele
No olhar, em cada um ele está
Nesta face que me seduz
Mais do que eu, não contenho
Porque na frente, de lado
Em todos os lugares
Eu vejo Jesus.

Autoria: Sergio Luiz Souza Ferreira

Bacharelado Interdisciplinar em Artes — Campus Sosígenes Costa/UFSB

Meu porto seguro

Porto Seguro dotada de tantas belezas
Tal qual a mãe natureza
Se vê a abrilhantar
É Terra de Pataxó
De negros, de brancos e índios
De doces, tão doces lembranças
De minha avó a rezar
E neste porto seguro
Segura para sempre estarei
No porto, no cais de outrora
Os sonhos que eu sempre sonhei
E nesta cidade tão bela
Com aroma de acarajé
Passam eles, passarinho,
Passarela, de balsa, de carro ou a pé
A Orla Norte e seus Distritos
Tem casarios coloridos
Tem história e tem suor
Tem muita gente de fé
Tem Nossa Senhora D'ajuda 'Da Pena' e São Benedito
São Pedro, Tiago e João Tião, Maria e José
Tem gente batalhadora
Que se levanta às 5
Debaixo do sol afinco
Seu verbo é trabalhar
Um porto de esperanças
De sol e águas salgadas
Moqueca, coco, cocada
Convite a desbravar
Meu porto Meu porto Seguro
Um porto de esperanças
De sol e águas salgadas

Autoria: Vanda Neves dos Santos

Curso de especialização em Pedagogia das Artes: linguagens artísticas e ação cultural

Centro de Formação em Artes e Comunicação/Campus Sosígenes Costa/UFSP

Portais

às 11 horas de 11 de novembro de 1918
encerrava-se a primeira guerra mundial
os minutos de silêncio até hoje respeitados
deveriam ser maiores, o silêncio e a cultura da paz

é tempo. vamos escrever para as crianças, de maneira leve
nomear cada sentimento profundo para que sua consciência emerja
como a vibração da palavra

11 dias para limpar
ir encontrando os mil nomes do amor
na vida inteira

Autoria: Lucas Oliveira Rosário

Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades — Campus Jorge Amado/UFSB

A Vida

Acorda e nasce
Nasce e cresce
Cresce e estuda
Estuda e estuda
Estuda e trabalha
Trabalha e trabalha
Trabalha e trabalha
Trabalha e casa
Casa e trabalha
Casa e reproduz
Reproduz e trabalha
Trabalha e Trabalha
Não trabalha
Não trabalha
Morreu.

Autoria: Andrew Costa Magalhães

Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades — Campus Sosígenes Costa/UFSB

A lágrima no sorriso

Com ternura chorava,
porque ria
Ria do mundo
Ria do sem sentido
O vazio do riso
O espaço sentido
Em quanto a lágrima descia
Os dentes apareciam
Porque chorava enquanto sorria.

Autoria: Andrew Costa Magalhães

Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades — Campus Sosígenes Costa/UFSB

Política

*A crítica é superar a ideologia.
A ideologia naturaliza a desigualdade.
A convivência é a única maneira de atingir a crítica.
Eduardo Bonzatto*

Não vou esquecer de tudo que aprendi com meus os mestres
Lembrarei de tudo que aprendi com os meus mentores .
A minha meta é convívio pacífico e amoroso comigo mesmo.

Na política das relações pessoais
e nunca na do engano da política representativa em suas diversas formas
e modos de coexistir .

Nas palavras cabem tudo
e em tudo deturpam os sentidos para fomentar o engano e oprimir
a nossa existência.
Seduzem e se deixam seduzir.

Se empoderam e a conexão é
extinta tristemente
sem compreensão

Sem sentimento.

Quem não se aprofunda nunca saberá
que uma das formas do empoderamento nasceu com o nazismo.

Dividir para dominar.

O sistema é mais coeso.
Determinado.
Estrategista e eficiente do que nós meros mortais .

Nós pretos pobres periféricos brancos homem mulher trans homo bi pardos
classe média classe média alta índios; os verdadeiros donos dessa terra por
entender que a ela pertencem
Somos um único tecido social que afetados por uma ideologia
não reconhece no outro seu semelhante

E por incapacidade
não aceitamos a sua condição.

Seguiremos distantes
sem o afeto que nos é necessário
para a cooperação cujo fruto é o amor.

É uma pena que não pude conviver com Com Steve Biko,
Martin Luther King,
Gandhi. Spinoza, Carolina de Jesus.
Paulo Freire e o meu bom mestre da Galileia.

Autoria: Weliton Alves Gabriel

Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades — Campus Paulo Freire/UFSB

Falha no Tradicional

*“Do lado de cá, os cavalos comem frô
Os meninos bebem leite nas água do rio
Os home come o pão feito de pedra
E a poeira da terra de lá vira a farinha da nossa terra daqui.”*

Lá é onde tem ciência, é onde existe cultura
Aqui nada funciona, tudo é de segunda mão.
Se há problemas, não os vejo
Se não os vejo, não existem
Como tratar a miséria desse jeito?
O problema para nós virou paisagem.
Eu posso até tentar me encaixar numa sociedade modernista
Mas quando começa o futebol,
eu quero é briga
Eu corto a fila, compro o juiz
E posso até fazer teatro fingindo que caí
Não importa o jeito, eu só quero ganhar
Por isso, os fins justificam os meios.
O sujeito é unificado à sujeição
Contudo,
só há um problema quando existe uma contradição.
Assim, o valor do Homem brasiliensis está no cômico
Tudo passa pela superfície Aqui nada é essencial
O sujeito não é indivíduo, é um ser cênico social
Evidente paradoxo da autoproteção
Verdadeira falha no tradicional
Se penso, será que existo?
Existo, mas não sigo a ordem
Tradição e unidade, para mim, não são bem-vindos
Sou eu quem crio as minhas regras
Quero tudo no imediato
Autonomia da modernidade inacabada
Vivência da modernidade não moderna.
“Do lado de lá, os cavalos comem frô
Os meninos bebem leite nas água do rio
Os home come o pão feito de pedra
E a poeira da terra de lá vira a farinha da nossa terra daqui.”

Autoria: Aline Magalhães Dias
Campus Sosígenes Costa/UFSB

Resistência Pulsante

Os olhos que antes apenas me condenavam,
hoje anseiam pelo meu fim.

Meu corpo não padece mais de medo,
ele pulsa pela luta,
ele pulsa resistência,
ele pulsa e ecoa um grito,
ele pulsa,
pulsa,
pulsa...

Os tempos - agora tão difíceis - me aproximam ainda mais dos meus antepassados.

Minha luta não é somente por mim, é por eles, é por nós!

A minha dor se transforma em cicatrizes
que intensificam a minha voz.

As minhas palavras rasgam as vísceras de uma sociedade cruel que insiste em me
invisibilizar.

O sol que chamo para mim é o calor da minha RESISTÊNCIA.

A arte é a minha própria resistência.

Autoria: Aline Magalhães Dias
Campus Sosígenes Costa/UFSB

Esperança

Fitava cicatrizes no véu d'alma,
na maçã do seu rosto chamas acesas de resistência
dentro e fora de si se tingiam,
entender o lado de fora se infiltrando para azedar o espírito que se debatia
não era algo maleável,
mobilizar tantas energias e se manter vivo era um desafio árduo,
mas se permitia navegar em momentos de leveza,
pois sabia se desdobrar a planos afáveis, solenes,
e aquele olhar fixo,
reto,
horizontal,
tomava todo o continente de sua carne,
culpar quem?
eram todos vítimas sistemáticas,
até ele mesmo sabia,
murmúrios se acalentavam no silêncio da noite recheado de luzes,
quando a música dominava aquele espaço febril,
seu corpo balanceava num circuito sensorial circular,
na esperança espelhava seu futuro.

Autoria: Alex Silva Moreira

Licenciatura Interdisciplinar em Artes — Campus Jorge Amado/UFSB

A janela

Da minha janela vejo a vida
Da minha janela ouço som
Da minha janela vejo a vida
Da minha janela extasio com o belo e o bom
Da janela de meus olhos observo
O infinito de sua janela
Da janela de meus olhos vejo
Estrelas em tua janela de seus olhos
Na janela de teus olhos: pura emoção
Sentimento esse que não é vão
Ah! A janela de seus olhos
Leva-me para um lugar que não tem chão
Amar-me e amar a todos
Especialmente, a mulher da janela
Mesmo não satisfazendo seus gostos
Que o meu amor, sempre haja nela.

Autoria: Plínio Nossa Santos
BI Saúde — Campus Paulo Freire/UFSB

Deixo de mas

Sentamos abraçados
Debaixo de um coqueiro
Na areia, de frente para o mar
Sem ter o que esperar
Poderia eu te olhar
No fundo de tuas pupilas
Mas deixo que
O mar faça isso
Poderia eu fazer sua pele arder
Em fogo de amor e carícias
Mas deixo que
O sol faça isso
Poderia eu aconchegá-la
Macio e moderadamente sobre mim
Mas deixo que
A areia faça isso
Poderia eu fazer-lhe sombra
E escorá-la
Mas deixo que
O coqueiro faça isso
Poderia eu mexer com teus cabelos
Caindo sobre a face
Mas deixo que
O querido vento faça isso
Poderia eu tocar teus pés
Lavando-os delicadamente
Mas deixo que
A espuma das ondas façam isso e você ri
Em um relacionamento
Não permitas
Conceber que és
Motriz da felicidade alheia

Autoria: Plínio Nossa Santos
BI Saúde — Campus Paulo Freire/UFSB

Meus muros

Os muros protegem casas
Os muros prendem pessoas
Os muros não deixam ver o que passa lá fora
Os muros não deixam ver o que passa lá dentro
Nos muros se escrevem os nomes dos que foram levados
Gostaria que os muros servissem apenas para escrever os
nomes de quem a gente ama.

Autoria: Jhonatan Almeida de Sousa

Licenciatura Interdisciplinar em Artes — Campus Sosígenes Costa/UFSB

Mariazinha

I

Mariazinha nasceu.

Teve poliomielite. Triste. Não isso da doença, triste que não só lhe secou a perna. Ela deixou secar seu coração.

Amargurada viveu.

Amargurada.

Viveu?

II

Dia clareou, mas o peito atristou.

Rebelou, pôs a cara no sol.

Aquela manhã

esquentou. Desconfortou e doloriu-se.

Não aguentava a tontissa.

Enfim, acorajou. Olhou-se e viu: caía

pelos pés, escorria pelas mãos. Uma geleira de pedras, tinha remendos pelo chão. Ouvia:

- Voz que quebra aquece.

Naquela manhã, acalentou-se.

Coração de Mariazinha quebrou.

Coração de Mariazinha doeu.

Coração de Mariazinha chorou,

mas renasceu.

Autoria: Dâmaris da Hora Santos

Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens — Campus Jorge Amado/UFSB

Porto

Parecia sozinho, espantou-se.
O rosto grunhiu e arregalou os olhos
já marejados.
A areia agoniou seu corpinho,
afirmou os pés inseguros no chão.
Alinhou-se à luz amarelo
alaranjarosada no céu. Sorriu.
Correu. Molhou.
Encontrou-se nos braços maternos na
linha azul do mar.

Autoria: Dâmaris da Hora Santos

Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens — Campus Jorge Amado/UFSB

Do aruna aos ritos de passagem

“Eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer.”

Conceição Evaristo

Eme.Ixé,
Negra, afro-indígena em minha descendência,
Brasileira, bahiana, ilheense, mulher.
Mãe, filha, professora,
Artista, escritora.
Codinome: resistência.
Em kobuntu e em tupi: eu, meu.
Eme.Ixé, sou eu.
Em versos é possível um pouco me descrever, e adianto que
Algumas das definições são papéis e posições,
que separadas não me definem.
São postos de muitas ações,
Fragmentos que às vezes
Só comprimem.
Pra me conhecer de verdade
É preciso intimidade.
Tenho uma dica que vale ouro,
Observe, ouça... Sente?!
A minha essência é da mesma matéria que a sua:
Sou gente.
Sou mulher negra, que entre identidade e diversidade
Ninou seu ipyana com ubuntu afrobrasileiro,
Educadora, por escolha,
Que tem lido sua aldeia e os curuminaiês de sua escola
Como messe sementeiro.
E acredita que o professor étnico-consciente
Faz da educação um celeiro
De protagonismo verdadeiro,
Em que ele e o aluno
Podem ser representantes por inteiro,
Do nosso povo afro-indígena brasileiro.
Sou professora-artista que crê
Que somos Arte na nossa essência de ser
Que vê os seus na sua identidade,
E sabe que a subjetividade e o sensível ali está presente,
Como expressão e manifestação
De uma herança que é portal convergente,
Pra resgatar e fazer acontecer a cultura da gente.
Que colonizada que fui,
Desfaço-me aos poucos das amarras
E o consciente faz uma farra
Com os estudos que bagunçam minha memória

E me faz entender a história,
Escondida, não contada,
Aquele que me foi negada.
E assim, do Aruna aos ritos de passagens,
Descobri o valor de ser negra e mulher,
E escolhi ser educadora que quer
Reverter as diásporas na escola.
E oportunizar
O descolonizar
A todos que ali estiver.
E de caso bem pensado
Por Pedagogia das Artes e Etnologia
Quebrar as correntes da ideologia
De uma verdade que em outrora não disseram.
E desfazer a dor que impuseram
Do etnocentrismo rasgado.
E assim, reescrever no presente: o passado
Resignificado.
Ah! Mas não pensem
Que esse é um caminho fácil!
Existem frestas que precisam ser escancaradas,
(In) Confidências que precisam ser contadas,
Rituais na escola, Pedagogias e práticas
Que precisam ser quebradas!
E é por essas réstias que me acho... E faço
Minha trilha da verdade.
A começar pelo resgate da identidade,
Provocando uma balbúrdia mental!!
Porque entendo
Que mais do que eu, Eme.Ixé,
Nós, Tu.Iandé,
Precisamos tomar parte dessa nau.
Porque o Brasil
Pode ser meu Oshogbou,
Calabar, Maputo, Dacar, Luanda, Angola...
E posso ser Banto, Sudanês ou Malês...
E oxalá, ser também Nuaruaque, Caraíba, Tupi...
Porque entendo e guardo na memória,
Que aqui posso escrever, de fato, a nossa história!
Ééé!! “Eles combinaram de nos matar. Mas nós combinamos de não morrer”.
E assim será, e assim vai ser.
Afim, afro-indígenas somos, Tu.Iandé.
Axé!

Autoria: Valéria Almeida dos Santos Silva

Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais — Campus Paulo Freire/UFSB

Tudo é como deve ser

cagar na porta da igreja o imaculado conhecimento que conduz à
vida eterna

antes o céu dos otários fosse neutro
mas queimam em delírio “Deus é poder”
e o mundo pode explodir, assim como essa cabeça
será que ela pode ou não? Escutar o som das bombas
dos filmes colonizadores do primeiro mundo

a nossa terra está em transe
a política e a poesia são demais para um homem só
mas não para uma mulher
a mulher que existe em mim quer meter um grêlo na geopolítica
e colher berlôs na miragem anarquista

os pássaros falam, a terra escuta
mas o ocidente fica cada dia mais surdo
voaríamos para outra dimensão
não deixemos que nossos corações virem a cloaca do universo
vai haver enchente e falta d’água
porque o nosso coração é uma cloaca
o sertão já virou mar
o mar já virou sertão
é momento de nos lembrar do destino de simplesmente amar
é de manhã, o mar pra quem sabe amar

Autoria: Lucas Oliveira Rosário

Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades — Campus Jorge Amado/UFSB

Poesia
Categoria: público externo

Trabalhos Premiados

A Ideia

Ontem eu acordei.
Ele, numa cama de madeira
Olhou pela janela e viu o morro,
Estorvo
Maçante e alegre,
Comeu o que tinha na mesa,
Café com leite
Pão e goiabada.
"Beijo! Mãe amada".
Aos 5, aprendeu a ter medo,
O que mais vc quer? Era negro.
Saiu,
Mas eu estava lá.
Nesse outro eu já vivia faz tempo,
9 anos atrás ele perdeu um filho,
Eu acordei ali
22 horas da noite de domingo
5 segundos, 1 milhão de momentos
"Amaldiçoado".
Gay.
"Se indeireita".
O mundo todo deixou de existir com um tiro na cabeça.
Irmã chora o amor ausente,
Em algum canto do mundo.
Quarta-feira.
Na subida da ladeira
O sol quente
Preta, pobre, e judiada.
Teve os sonhos roubados, no banheiro da balada.
Acuada.
A existência quase apagada
Na calçada da esquina da igreja.
E nos seus olhos eu acendia
Uma única certeza.
Lá no alto,
O prédio mais alto,
No salto mais alto.
Pisando o chão que não pediu pra ser seu.
Açúcar na boca,
Beijo na testa.,
"Tire isso da cabeça"
Um menino dentro de uma menina?
"Não!"
"Na minha casa não"

O tapa mais forte de sua vida veio de quem mais amava.
E de repente deu por achar que tinha asas,
Do prédio mais alto, esfolado no asfalto,
Maria que era João.
E eu estive lá. Era sua última súplica.
Despreocupado.
Levado
E de sandálias.
Mas estava apressado!
Da escola, pro conforto, "vovó me esperava como se eu fosse
vestido todo de
ouro"
Mas não. Ele nunca mais chegou
Uns 11 anos umas duras quedas
Foi 'confundido', mais um bandido? A duras pedras
Em sua família eu ecoava
A ideia!
Mas eu estava proibida!
Homens estúpidos.
Um pais corrupto.
Vindas e idas,
Onde tudo que é de mal pode, menos cuidar da própria vida
Mas não me importa, estou por ai,
Nos becos e vielas, na aldeias
nas favelas, nos pedestais e nas revistas
no olhar das crianças na força dos que lutam todo dia
Uma idéia implícita.
Olhe ao seu redor! Todos os bons chamam por mim
Justiça.

1º Lugar

Autoria: Flor de Lótus Grecov Soriano Silva

Estudante do IFBA de Porto Seguro

Vou falar sim

Ai se segura,
ai não fala,
tem que ser mocinha,
tem que ser delicada

Chega

Falar palavrão não pode, falar gíria não pode, tem que ser inteligente,
ser independente não pode AH pronto eles querem que eu me transforme?

Já vi muito homem nesse mundo achando que é dono de tudo
Humilhando as mina e dizendo
"Já peguei"
Mal sabem o nojo que a gente tem disso,
e só vai crescer ATÉ PARAR
Pq eu ainda não sosseguei
....

E eu vou falar agora
Pra vocês pegarem a visão
Quantas vezes eu vi nesses banheiros elas chorarem por causa da
opressão
Não foi uma
Não foi duas
Não foram três
Foram vezes que nem cabem na mão

E você ainda acha que é normal, mulher chorar por tudo, é sexo frágil,
é sensível mesmo...

É frágil que aguenta o peso do seu machismo...
É fraca que aguenta a casa nas costas....
É sensível que aguenta suas piadinhas de mau gosto....
É pq ninguém nunca viu homem com a masculinidade ferida por
causa de um não.
(Mas a mulher que é fraca mesmo)

E o pior de tudo é que a gente quase acredita
De tanto ouvir
(...)
É gente sofrendo É gente correndo É gente morrendo

Mas agora a gente vai gritar porque isso não pode mais mais existir
E as mulheres vão sim continuar vivendo

Não vou me apertar
não vou mudar

não vou deixar de falar
()

Ai não fala isso,
não fala assim
Não pode falar palavrão
Mas desde quando ter uma (pepeca) piii vem com um tratado de
submissão

É gente querendo ir embora
Gente querendo sumir
Gente querendo deixar de existir
Mas o que você faz

O que você vê
Aaaa() esqueci que o que importa é o seu próprio nariz

Então não fala
Não assobia
Não pegue
Nem toque sem permissão
E, por favor, não vem confundir liberdade com educação...

E porque a gente ainda continua sendo chamada de fraca
Mesmo sendo forte pra CARALHO

E pq vcs continuam ganhando o crédito
Mesmo quando é a gente que faz todo trabalho?

Eu particularmente não tenho culpa
que vc está igual filme de bang bang
atirando pra todo lado
Infelizmente não aqui
Não perto de mim que você vai vir pagar de macho

Eu não queria estar aqui falando sobre isso em pleno século XXI
Uma adolescente querer mudar de escola por causa de preconceito não é algo
comum
Mas até quando isso vai durar?
Até quando vamos ter que lutar?

Vocês querem é romantizar a dor
Dizendo que ser obrigada a ouvir e não ter opinião
É amor

Amor é o que eu tenho por nós
Amor é que eu tenho por elas
Amor é o que me faz continuar
E não me deixa desistir da favela

Mas isso ainda não ACABOU
É só o começo da minha história
Que vai ser contada por mim
Eu não preciso ser só mais uma autora
Eu vim aqui pra ser protagonista
E mostrar pra todos vocês quem foi que CRIOU

E podem falar o que quiser
Mas eu não vou ficar quieta
Eu vou tomar conta do meu local de fala
Até fazer entrar na cabeça de vocês
que é possível sim fazer história sem ter que usar sequer uma bala...

Menção Honrosa

Autoria: Maria Iasmim Souza Cotrim

Estudante do CIEPS Complexo Integrado de Educação de Porto Seguro

Às 7h21

Eu espero um busão pra lugar nenhum
Em um busão superlotado sem ar-condicionado
No calor desse verão eles esperam que eu seja o futuro da nação
Sem entender que meu caminho como o cortiço,
é botar fogo nessa nação
E não me chame de cavaleiro da inquisição
Pois meu rock tá mais pra Black sabbath
E você ainda brincando de cruzadas

Me ensinaram que não se deve confiar
Em quem nunca deu nó em pingo d'água
Mas sou BR e isso pra mim é fácil
pois todo dia eu mato um leão só pra ter o pão
Imagina o resto

Já são 7:21
E ainda não passou o meu busão
Eu realmente não vou pra lugar nenhum
Já é tarde, perdi mais uma oportunidade
de um trampo já que não terminei a faculdade
Agora o jeito é voltar pra noite com violão
Pois lá, quem sabe, eu tenho sorte, meu irmão

Me ensinaram que não se deve confiar
Em quem nunca deu nó em pingo d'água
Mas sou BR e isso pra mim *tá de fudê*
Aqui nesse país é matar ou morrer
E é assim que eu arranho o disco
Dizendo que faço da música minha arma
E quando o busão parar e eu descer
Vou olhar pra você e dizer
Tira o paletó, que comigo você não aguenta 5 minutos de porrada
E não venha de ideia errada,
você pode ser do congresso,
ser presidente ou do senado
Mas somos nós que temos a raça
Imagina o resto

Menção Honrosa

Autoria: André Luís Ramos Pie

Estudante do CIEPS Complexo Integrado de Educação de Porto Seguro

Trabalhos selecionados

Todas as letras

Sou o índio
Que viu a nau
A esquadra de Cabral
No país do carnaval

Sangue.
Suor.
Cacau.

Nasci no berço do Brasil
Na eterna Bahia
Terras do sem fim
Terra da poesia

Sou menino grapiúna
Na alegre brincadeira
Nadando no rio
Rio Cachoeira

Um contador de causos
Jogador de capoeira
Pescador de sonhos
Que vive na Ribeira

No carnaval sou Vadinho
Provando quitutes de
Dona flor
Malandro de rua
Nobre trovador

Cantando pra lua
Trovas de amor
Repentista de feira
Louco.
Sonhador.

Entreguei meu destino
A São Jorge dos Ilhéus
Conquistando a terra
Tornei-me coronel

Sou menestrel
Contador de histórias
Nos livros de cordel

Conheci a beleza
A doçura cravo e canela
Sou sobrinho de Tiêta
Amei Gabriela
Fui amante de Teresa
Já cansada de guerra

Fui herói
Também bandido
Um jagunço bravo e
destemido

Na tocaia da vida escapei
Nas cartas do destino arrisquei

Na tenda vi milagres
Os mistérios dos orixás
Os tambores que lá rufam
Trazem encanto
Cantam a paz

Sou poeta condoreiro
Quebrando as correntes
Dos vis navios negreiros

Enfrentei o sertão
A fome
Um cruel destino
Sou retirante
Retirante nordestino

Bebi com Quincas
Berro d'água afamado
Nos bares da vida
Vivia embriagado

Adubei cacau
Com sangue
Derramei meu suor
Trabalhador na lida
Trabalhando de sol a sol

Posso tudo isso
E muito mais
Nas histórias da Bahia

Viajando na leitura
Vou colhendo
Bela colheita

Nos livros da Bahia
A magia
Da Bahia de todas as letras.

Autoria: Robinson Silva Alves

Estudante do CUNI (Colégio Universitário) de Coaraci – Campus Jorge Amado

O Doutor e a Lavadeira

Em um dia de Janeiro
Meu pai chama a parteira
Pois seu filho vem chegando
Naquela segunda-feira

Minha mãe muito forte
Bela, valente e guerreira.
Disse-me ao chegar
Nasceu minha estrela

Cresci correndo
Com os meninos na ladeira
Vivi minha infância
Em alegre brincadeira

Trabalhei desde pequeno
No sábado lá na feira
Nunca tive vergonha
Nenhum tipo de besteira

Um dia meu pai partiu
Entregou-se á bebedeira
Caiu no triste rio
Despencou na ribanceira

Nós sofremos muito
Neste mundo sem porteira
Minha mãe segurou firme
Não perdeu as estribeiras

Lavou roupa de ganho
Enfrentou pesadas barreiras
Sustentou a família
Nesta história verdadeira

Digo então de peito aberto
Nesta vida estradeira
Se hoje sou doutor
Minha mãe foi lavadeira.

Autoria: Robinson Silva Alves

Estudante do CUNI de Coaraci – Campus Jorge Amado

Onisciente

Eu que enxerguei teus dias correndo pelo meu balançar
Eu que vi as lágrimas descenderem pelas janelas de sua alma
Vi teu silêncio gritar mais alto que os chicotes estalados
em ti
Ser traído pelos teus e pelos seus
chorar inúmeras vezes
Sua alma falar enquanto sua boca calada persistiu ao
tempo
Eu que fui palco da assombrosa cólera que passaste
Moradia temporária de muitos e eterna pra outros de
onde estás
Suplicaste a teus pais a salvação e encontrou muitas
vezes a solidão
Reparei que tu fostes animalizado e engolido pelas
mazelas
No futuro, tempo que as pessoas se suicidarão pela
solidão,
fostes tu hoje, esquecido e se tornado mais um número
na multidão
Vi a paz virar sangue e o riso suor, as correntes o
prenderem até seres pó
Sua fome e pestes também percebi, inúmeras vezes
chorei também por ti
Vivi negando a existência dessa moléstia,
levar a morte da vivência para ti rara peça
Senti que tu derramastes outras águas salgadas dentro de
mim
Era teu pranto humano retirado de ti e atracado aos
porões que agora moras
Tua mãe de lá transborda pelo lamento de não tê-lo mais
Lembras das histórias e cantigas que te contava quando
eras apenas uma criança
Ela que te gerou por nove meses e agora terá apenas
memórias suas eternamente

Por meses você demorou para ser gerado e agora em meses gerará
um renascimento para o caos
Teus irmãos que chamavam pelo teu nome, agora sonham
lembrando de ti
Como choras ao lembrar das brincadeiras que fazias junto a eles
Não me perdoei ainda por estar sendo cúmplice desse crime à
humanidade
Teus amores, tuas poesias internas, tuas lutas e rumores do eu,
todos amarrados e jogados ao léu
Eu vejo seu coração não aguentar, vejo seu suicídio, vejo seu fim
Nesse navio nunca houve bons frutos, e eu mar, muito me culpo
por ser o meio para o transporte.
Peço que se atire em meus braços e eu tentarei te socorrer, penso
eu, te levarei até o íntimo do meu coração e te guardarei até que
voltes a tua origem.
Eu que enxerguei teus dias correndo pelo meu balançar
Eu que vi as lágrimas descerem pelas janelas de sua alma
Grito em teu nome pelas minhas ondas, se entregue ao meu
interior, eu só posso isso te oferecer.
Eu mar, peço o findar das tempestades, dentro e fora de nós.

Autoria: João Felipe Lima da Silva

Colégio Modelo Luis Eduardo Magalhães – Porto Seguro/BA

Aeroporto

Na maioria dos poemas, nossos corações são figurados
Como as chamas de uma fogueira.
Na minha vida, costumo pensar que são
como aeroportos.
Nos poemas,
quando os mesmos se partem
o fogo se apaga.
Na minha visão,
quando isso ocorre vejo como um avião embarcando
Antes machucava, ver os aviões subindo
naquele imenso céu azul.
Porém com o tempo e novas experiências,
fui aprendendo que as pessoas se vão
E precisamos entender que a culpa não é nossa
A vida é passageira!
E como diz a Ana Vilela em uma de suas músicas
“A vida é trem bala”
De forma fictícia,
nunca se esqueça que os aviões se vão
E é preciso sempre se manter forte.
Devemos analisar que apesar de todos os fatores,
a vida é muito linda e temos o poder de escolha
Incluindo o que vamos fazer,
o que iremos acreditar,
ou até que caminho seguir
Em tal caso,
não se torture quando algum
avião decolar, outros pousarão.

Autoria: Maria Vitória Delgado Cardoso
Colégio Cariza – Porto Seguro/BA

Procura-se um sonho

Procura-se um sonho
Um sonho doce e singelo

Um sonho onde eu sou uma capitã
De um navio pirata
Navegar pelos sete mares
Enfrentar as fortes tempestades do
Triângulo das Bermudas

Um sonho cheio de mistérios
Escondidos a cada esquina
Descobrir vários segredos
Trancados em um baú
Saber o sentido da vida
E coisas incomuns

Nadar com as sereias
Num denso e cristalino oceano
Ou ser um astronauta

Tocar as estrelas com as mãos
Pegar carona com um cometa
Viajar sem saber a direção

Ter asas de borboleta
Aprender a voar
Sentir a brisa no rosto
Andar sobre as nuvens
Com os pássaros cantar

E fazer tudo isso
Sem sair da cama
Por isso eu procuro um sonho
Não um sonho qualquer
Um sonho de criança.

Autoria: Salete Magalhães Alves
Escola Sagrada Família

O homem ignorante

A ignorância morava no homem
Homem onde em sua fala,
Faltava a linguagem culta
O português oficial
A ignorância, meu senhor!
Mora no homem que não discerne o bem do mal
E por maldade
Destrói o bom.
Não vê que a educação
É o ouro que o ladrão
Não pode roubar.
É o futuro de uma nação
Que tanto depende da educação
Sem ela não pode andar.
Como pode o ignorante
Ser tão audacioso
Tenta enganar o povo
E no mais, quer explorar.

Autoria: Elciane de Jesus Santos
Instituto Federal Baiano

Outra face

A vida dos poetas
É a mais miserável que já conheci
Dos amores
Dos gostos
Dos sorrisos
Quando tudo se vai
Temos orgasmos mentais
Que transbordam em palavras
dolorosamente belas
Dores emocionais
Afogadas em shots.

Andam dizendo que poetas são intensos
demais para amar...

Discordo.
É nossa intensidade que nos faz queimar de
amores por pessoas profundas
Pessoas raras que se vão
Com porquês ainda mais profundos cheios
de vazio e confusão
Nos deixando perdidos ao amor em que
fomos apresentados e aceitamos
Nos deixando a sós com a escolha que
fizemos em amar
Nos deixando no mar provocado por nossas
incertezas e lágrimas, para afogar.

Autoria: Brunna Costa Lombardi
Colégio Cariza – Porto Seguro/BA

Não ao preconceito

Independente da minha cor
Sou preto, negro e mereço sim o seu respeito
Gato preto simboliza azar?
Azar é o preconceito que corre em sua veia e resiste a não parar

Por que o negro é sempre definido como algo sem valor?
Por que preto é ausência de cor?
Pois sou negra
E tenho orgulho sim da minha cor!

Por conta da sua pele foi sobrecarregado do trabalho escravo,
Com a alma e a costa chicoteada pelo racismo e preconceito
O povo é muito ingrato, esqueceu a luta do nosso povo
dos nossos antepassados.
Levando a cor negra na pele, vendidos como escravos.

Em um navio seguia, rumo a um país, a uma vida que desconhecia
Morrendo, jogado ao mar
Vivendo, era largado a um mercado de escravo
A uma vida que ele nunca imaginou passar

Separando de sua família, pais e filhos
E sabendo que neste mundo, talvez nunca mais seriam vistos
Hoje não mudou muito, pois mesmo com a lei
Privam e tratam com indiferença só por conta de sua aparência

Porém, sigo em frente com a cabeça erguida
Não a abaixando para o preconceito
Tendo orgulho da minha cor
Tendo orgulho de ser negra!

Autoria: Geovana Guimarães Campos
Colégio Modelo Luis Eduardo Magalhães – Porto Seguro/BA

Chuva

Chuva que passa são águas passadas
chuva querida do meu coração fica se
espalhando por toda nação
de noite e de dia até o amanhecer fico
imaginando como vai ser
a próxima chuva que vai acontecer
olho para o céu de repente
pingos de chuva caem em mim diretamente
olho para o céu de repente
vejo um brilho no céu novamente

Autoria: Ana Luiza Miranda Alves
Escola Sesc Porto Seguro – Porto Seguro/BA

Logo quando te vi

tive essas sensações
e sem querer
te queria

pois quero correr
atrás de seus braços correr
fugir

sumir em seu corpo

todo esse pouco
aos poucos
se tornou tudo

me fazendo criar esse novo mundo
posso ser louca
por implorar seu amor
mas algo faz com que nossos corações
não batam em sincronia
talvez seja o fato

de você apenas desejar meu corpo
e não
me amar

Com você
meu corpo se contorceu em movimentos que jamais pensei em ter
do mesmo jeito que a dor se espalhou em lugares
que jamais pensei em existir

sinto você até em minhas extremidades
pois você
deixou marcas
dentro e fora de mim

tudo me fazendo acreditar que sou inferior
destruindo o que ainda existia de nós e acabando de vez
o esboço mal feito

você que em mim existia queimando e acabando todo o retrocesso de nós
-me salvei de você

Autoria: Alice Santana Pansiere

Colégio Estadual Eraldo Tinoco – Distrito Posto da Mata – Nova Viçosa/BA

Meu lar

Debaixo do sol
Vou andando calmamente
Procurando no mundo
Algo que me complete
Ando, ando e nada
encontro
Pessoas me olhando
Estranhando
Se perguntando
O que aquela
menina
está procurando
Não deveria estar
estudando?
Pelas ruas da cidade
Começo a me encontrar
Aqui, lá
Percebo que esse é o meu lugar
Nas casas simples
Na calmaria do mangue
Na beleza do pescar
Mas me encontro mesmo
debaixo daquele sol tão radiante
Quando vejo o mar
meio verde se encontrar com o rio
depois dos corais
Tão azul quanto o céu.
O barulho das ondas, me chamando para entrar
A brisa do ar
debaixo dessa amendoeira
Com o vento levantando os meus cabelos
Olhando para esse mar infinito
Posso afirmar
Porto Seguro é o meu lar
Terra baiana
Terra bonita
Terra brasileira
Terra de Salvador
Terra do acarajé
Terra do olodum
Terra do carnaval
Terra do tambor
Alô minha Bahia
Terra de todo o meu amo

Autoria: Alicia Vitória Santos Borges

Estudante do CIEPS Complexo Integrado de Educação de Porto Seguro

Doce tentação

Por que esse amor louco e proibido
ronda meus pensamentos sobre você
Por que teu caminhar e seus olhos me fazem te querer?

Pq me tentas Pq me tentas Pq me tentas?
Pq não me deixas sentir o doce de seus lábios?
Pq não vem ser minha,
pelo menos por uma noite até os primeiros raios
A lua e as estrelas guardarão os nossos segredos
E desde que seja nós, embriagadas de prazer,
fazendo jus a nossa espera,
eu só quero você dentro de meus beijos

Esse fogo que arde,
que me persegue,
que insiste em ser vívido em meus pensamentos
Só faz parte dos meus sonhos,
pois quando passam a ser reais,
não vão além de lamentos.

Nas suas curvas me derreto
Me vejo escorregar,
e sem dar chances para o tempo me encho de desejo.

Seus cabelos cacheados,
seus olhos apertados,
o seu balançado
Levam meus sonhos mais proibidos onde nunca serem
encontrados.

A forma como faz melodias com o movimento
do seu quadril me leva a mais sóbria loucura

Pq me tentas?
Pq me provocas?
Você sabe que não passo ser sua...
Porém quando chega a noite,
tudo o que eu mais quero é essa a tentada tortura

Meus dedos, seu calor
Seu mistério, meu amor
É o que ronda meus pensamentos
E me faz ser diante de ti um cavaleiro em guerra sem armamentos
Deixe-me, bela princesa, te amar em secreto
E sentir o sabor que existe dentro desse jeans discreto

Que mistério vc esconde aí?
Que segredo tem debaixo desse vestido?
Pra sentir seus toques de tudo eu teria desistido
Parece um anjo flutuando dentro de mim
Pq vc mexe com meu ego assim?

Como eu queria ser essa nota de dez reais amassada
Pra vc me guardar dentro do seu sutiã e tirar toda essa minha paixão
internalizada

Para de me levar pra seu quarto
Pra ver-te tirando os sapatos
Amarrando o cabelo
E me levando a desespero
Eu te suplico
Para de me maltratar
E deixa-me com meus toques te desvendar
E como o mistério mais lindo
Deixa-me decifrar
Pra finalmente esse incêndio se apagar

Mas porque tenho medo
Pq escondo o desejo?
Queria ser forte como ti,
minha pequena guerreira
De armas castanhas
Mas eu não sou
E isso vai se eternizar aqui dentro
E vai se desvair, perdão
Eu não posso retribuir
Mas tenha certeza que vai ser eterna dentro do meu peito,
essa doce tentação.

Autoria: Maria Iasmim Souza Cotrim
Estudante do CIEPS Complexo Integrado de Educação de Porto Seguro

Voando folhas

Voou joaninha no jardim
Como são joaninhas nas nuvens?
Agridoce como algodão-doce?
E dão origem a esses versos?

Perdeu os eixos o universo?
Foi uma quebra no espaço!
Até Einstein ficou pasmo
ao ver tal rosto no mundo

A plateia ficou muda diante da sua voz
O vento apagou as velas e viraram arroz
Foi sim, foi enorme Zepelim
Que bombardeou o céu

Derrubando folhas em todo jardim
E quem diria? Uma delas, era ela!
E eu a vi como uma pequena joaninha
Só conquista quem conduz

Os olhos brilharem mais que a luz
O tempo passa num instante
O céu permeia diamantes
Enfeitando a Lua nua

Que iluminou a nossa dança
Era peça da lembrança
Sinfonia em ré e lá
Olha só vermelha joaninha

Ouvi você cantar
Fosse a praia, fosse o vento
Fosse as mãos buscando afeto
Onde eu cheguei bem perto

É onde eu queria estar... e ela voou, voou...
Sem saber voar.

Autoria: Rayana Ribeiro Bonfanti
Instituto Federal Baiano

Sou índia guerreira

Todos nós somos amigos,
todos nós somos parceiros,
Sou aqui da Bahia
e vou mostrar para o mundo inteiro
A cultura de um povo verdadeiro
Quem não sabe da história
pensa que estamos de enganação
Esqueceram que os portugueses trouxeram a colonização
Eu sou índia guerreira
não nego minha nação

Tupinambá desde que nasci
Sou grata a Tupã por ser feliz

Autoria: Sara Bispo Borges
Escola Estadual Indígena Tupinambá de Abaeté

Socorro

Peço-lhe socorro pelos que aqui estão
Peço-lhe socorro pelos que virão
Infelizmente não completei minha missão
Então preciso de você, irmão
Não espere isso acontecer contigo
Pra tomar uma decisão
Nos ajude a sair do perigo
Nos dê proteção
Nós queremos viver
Alguém queremos ser
Com cem anos quero morrer
E não com três anos falecer
Na escola queremos ir
Pra aprender o A,B,C
Sete filhos quero ter
Pra ensiná-los a escrever

Autoria: Manuela Abade
Escola do SESC de Porto Seguro/BA

Sonho

Eu sou sonhadora
De mundos desconhecidos
Eu moro nos mares dos desejos
Lá o pesadelo é feito
De brigadeiro

Eu sonho com maravilhas
Que são escritas na vida

Eu já voei
Lá no céu
Já atravessei os sete mares
Já viajei o mundo
Em só um dia

Eu já vi fadas e sereias
Eu vi príncipes e princesas
Eu vi dragões e monstros
Eu já vi os pássaros cantarem
Eu vi planetas e estrelas
Eu vi o universo no infinito

Pois no sonho
A gente vê o que quiser.

Autoria: Salete Magalhães Alves
Escola Sagrada Família

O julgamento

Quem julga se acha no direito de todo saber dominar
Não admite falhas, temor ou desconcerto.
Não admite que o outro
Em pele fragilizada
Esteja em situação desprivilegiada, situação do julgamento.
A quem é dado o direito
De achar que outro sujeito
Daquilo é incapaz ?
De apontar as suas falhas e com ar de bom rapaz
Dizer que a vida te ofertará mais.
Mas o sujeito que julga
Trata a vida como escadaria
E pensa que tendo chegado no topo
O outro jamais chegaria.

Autoria: Elciane de Jesus Santos
Instituto Federal Baiano

O frio do fim

Era ela - pequena desconhecida
Que matou seu próprio filho
Ao leite materno vencido
Derramando sangue sem vida

Amava mulheres e até meninos
Pobre ao coração de quem vê
Sorrisos eram desenganos
Era a pequena desconhecida que encontrei

Com seus vícios adúlteros
Não tinha mais compaixão
Como todos os seus caprichos
Desejos tinha uma porção

Vulgívaga em todos os becos
Como erva de marfim
Cuspindo em seus peitos Dinheiro era seu fim

Com uns fria,
com outros má
Com sua geometria corporal
Conquistava todos que olhava
Até mesmo seus pais

Em constante revelação
Capturava toda corrupção
Mas nada adiantava
Se era jogada ao chão

Era ela - pequena desconhecida
Que encantou meus olhos
Ardeu meus mamilos.
Amei há anos

Ninguém imaginais tamanha vida
Nas noites de calafrio
Era ela - pequena desconhecida
Que matou seu próprio filho.

Autoria: Rayana Ribeiro Bonfanti
Instituto Federal Baiano

Matéria de poesia

Sem a poesia somos apenas matéria.
Matéria trabalha e paga conta.
Matéria faz de conta que vive.
Matéria dorme e acorda.
Matéria segue cronograma social.
Matéria adocece e fica internada no hospital.
Matéria decompõe, poesia compõe e é eterna.
Matéria reprova, poesia passa de ano.
Matéria tem recesso, poesia vive em tempo de férias.
Excessos denunciam as pessoas.
Matéria responde processo presa,
poesia responde em liberdade.
A poesia não cabe na gente.
Quem esconde poesia vive apertado.
Todo aquele que sente, deve ser poesia para todo lado.

Autoria: Morgana Passos

Primeira do ano

tua
voz estava em casa
subi as escadas correndo
para subir sobre você
feliz
dei-lhe um terno
beijo na testa
diz
te
quero um tanto
bem assim por entre
conversas sorrisos
piscar
de olhos convite
para o quarto
ato
branco
é uma cor linda
lembra pureza sorriso
de menina
corpo
de meretriz
teatro nu quarto
uma atriz
por
um triz saia
roupa convidativa
vida ativa
sorriso
largo me largo
em teus braços
parte de mim
partes
de mim pele
não repele suor
sua lingerie
um
beijo você ri
feição de rostos
atração de corpos
em

cima da cama
bela imagem para
fotografar
fotografei
te amei dois flashes
sono da tarde
o sol se punha
o
meu punho
escreve a cena
eu ia...
e
a saudade
hoje é quem acena
para mim

Autoria: Morgana Passos

Prosa
Categoria: público interno

Trabalhos Premiados

Biografia

O QUE JÁ FOI!!! SERÁ QUE É ??? TALVEZ SEJA!!! PROVAVELMENTE SERÁ !!!
SE O TEMPO REALMENTE EXISTE!!! RESPONDERÁ!!!

BIOGRAFIA / TEXTO AO FUTURO.
DE MIM , PARA MIM MESMO.

No ano de 2320, 27 abril ,6ª feira (Segundo cálculos números lógicos, pode-se afirmar que este dia será uma 6ª feira), a Ilustríssima Docente, Andreia Domingues - Tataraneta do eminente Professor André Domingues, do componente de Artes, Comunidades e Espacialidades Multiplanetários Universais da UFSB, solicita aos discentes a seguinte atividade.

— Good Night !!... Promissores discentes ao futuro do futuro!! Como atividade, oriento-os a pesquisarem a história, onde deverão encontrar no arquivo PPXXZY da UFSB, memória remota, algo sobre a Biografia de um respeitabilíssimo, fenomenocíssimo, fabulozíssimo, academiíssimo discente E.A. , que viveu no fim do século XX e início do século XXI, sendo um incomparável pesquisador da odisseia humana na terra.

Constituía-se em cientista nato na elaboração de suas observações-indagatórias-reflexivas-hipotéticas-tesáticas. Faleceu sem provar absolutamente nada, pois partia do nada para lugar nenhum. Mas a história mostra que se vivo estivesse, por certo, provaria com evidências a formulação de suas hipóteses, com certeza!!...

Homem de profundos conhecimentos no campo da Tudologia, desenvolveu eloquentes questionamentos no sentido existencial. Observador perspicaz, agudíssimo da natureza, ficava dias a observar a asa de uma barata, indagando quem a teria envernizado?

Introspectava-se profundamente, questionando quem haveria de ter nascido primeiro: o ovo ou a galinha? Que dúvida cruel para um sublime pesquisador. Porém não desistia de seu intento e buscava perseverantemente as respostas no universo e nas profundezas dos oceanos. Chegou ao Big Bang em suas indagações reflexivas aprofundadas, procurando no tempo e no espaço o quê, por quê e os porques de tudo. Não encontrando respostas por dentro, passou então a procurá-las por fora...

Inquietava-se com a possibilidade do ser humano ter sido no princípio do mundo, em algum momento evolutivo, um ser hermafrodita, pois o homem possui hormônio testosterona e progesterona existentes também na mulher: afirmava com toda convicção, deixando a dúvida indagatória enigmática no meio científico, o que em sua teoria, em algum momento, na árvore gene antropológica houve separação dos ramos evolutivos, passando a criatura primitiva de assexuado a sexuado, o que foi vantajoso para a humanidade, que além da fantástica diversidade, pode-se dizer que a sexualidade espalhou FELICIDADE na atmosfera paradisíaca liberal inicial. Portanto, formaram-se casais e a humanidade se multiplicou como as estrelas no céu e as algas nos mares. Absorvia-se longamente com as formigas, procurando decifrar seus códigos de conduta. O por quê de sua preferência pelo açúcar(Glicose) e não pelo sal (Cloreto de sódio).

Certa vez, afirmou: em um congresso científico internacional, na ONU , que provavelmente as formigas obrigatoriamente tiveram que, em algum momento, dentro da evolução formigacia, que escolher: a diabetes ou a hipertensão arterial. Então, sabiamente, optaram por diabetes, pelo simples fato de produzirem feromônio-insulínico em seu pancreodócrino, o que permitia longevidade ao formigueiro, fato este que surpreendeu os cientistas do mundo inteiro por tamanha descoberta, superando todas as demais descobertas e invenções humanas. Nem a roda, o microscópio, a penicilina, a bomba atômica, o avião e o celular conseguiram ultrapassar tamanha proeza desta descoberta, sendo efusivamente aplaudido por todos, longamente...DE PÉ .. imagineemmm.....

Digo mais a vocês discentes que estão hiperencantados com a atividade proposta nesta noite. Seu DNA deixou certamente descendentes pulverizados na humanidade e alguém, por certo, possui essa riquíssima hereditariedade. E tu discente TX9Axxix Frequência Y se parece muito com ele nas características físicas, baixa estatura... pernas arqueadas... acentuada protuberância abdominal... Conta-se que atingiu a 3ª idade, sem calvície e com os dentes naturais, portanto, não usava Dentadura, o que por si só era raro no período em que viveu. Foi privilegiado pela natureza desenvolvendo a 3ª e 4ª dentição, o que foi motivo de estudo após sua morte pelos maiores antropologistas e buco-maxilocístitas existentes no período , que se debruçaram dia e noite em busca de respostas para tão grandioso fenômeno.

Após minuciosos exames, utilizando-se de toda tecnologia existente na época, de imagens estruturais macro e micro-moleculares alguém na multidão de cientistas bradou... Eurekaaaaa(Achei). Havia descoberto naquele histórico momento, que E. A. em sua 2ª dentição, não nasceu, nem erupcionou o 3º molar, considerado o dente do JUIZO, o que se comemora até hoje no dia 1º de março, data de seu nascimento.

Tu discente TX9 Axxix Freqüencia Y, devias realizar o exame de DNA citoplasmático, mitocondrial-ribossômico-membranoso nuclear edrons/introns metafísico subatômico expansivo identificador de genes cromossômicos absolutos e relativos ampliadores longínguos genômicos circunstanciais cósmicos estelar orbitário universal intergaláctico na escala Biossintética Fragmental de Iluminescência fractal luso matica de semelhança com ele, para se considerar um fiel herdeiro de tamanha criatura vivente que peregrinou sobre a face da terra. Daqui, vejo que tu , discente TX9 Axxix F. Y possui uma evidente característica subjetiva psicoanalítica Freudiana hereditária congênita, que o identifica com ele, mesmo antes do exame DNA molecular combinatório acima descrito, vejo e afirmo que tu é bobo flutuante (Bêsta) que nem ele, memo que vêêê.....

E ASSIM....Tempoo.....Alguns séculos se passaram quando arqueólogos-paleontólogos-antropologistas, encontraram o esqueleto do incomparável sem juízo E.A. de forma fossilizada em terreno rochoso estratificado pelas regiões Norte do Planeta Terra, sendo incorporado ao Museu do Exoplaneta MAA (Nome dado em homenagem ao Prof. Marco Antonio Amaral da UFSB) seu descobridor, que através do Mega telescópio Zoomminfinitoo da Globalização Remota, o descobriu por acaso no ano de 2035, permanecendo então os restos mortais (Esqueleto Fossilizado) de Edimar Axxix junto aos fosséis dos Dinossauros..no referido museu ,como patrimônio compartilhado dos Bestões da humanidade.....agora em permanente exposição no Exoplaneta MAA..descoberto pelo eminente Astrônomo-Professor. Mas isto é outra história e atividade para próxima aula.....leiam os textos de forma Psiconeurotransferidacognitivamentetelepática.....sigamos.... Órbitando... em fase única.....Promissoresintergalácticos.....

1º Lugar

Autoria: Edimar Pinto de Assis

Bacharelado Interdisciplinar em Ciências — Campus Paulo Freire/UFSB

Coração do Mar

A madrugada era fria e escura. Ouvia-se a chuva cair com uma força brutal, mas ainda assim o silêncio reinava absoluto. Era esse silêncio solitário que denunciava o que estava por vir. Em meio à tempestade que tomava conta da cidade, lá estava ele, na praia, jogado à areia com seu amor nos seus braços. Simplesmente não podia acreditar que tudo aquilo havia acontecido. Que o seu futuro fora levado embora tão abruptamente. Suas lágrimas corriam junto com a chuva que os molhava intermitentemente. Talvez essa tormenta seja um jeito do céu lavar as nossas almas, pensava ele. Ainda tinha a esperança de que aquela chuva lavasse o sentimento de culpa que o cobria por inteiro. Mas nada acontecia. Aquele corpo ainda descansava friamente nos seus braços enquanto o arrastava incansavelmente pela praia. Se tudo houvesse sido diferente há alguns dias, não estaríamos aqui, pensou ele enquanto beijava a testa gelada de quem um dia já havia amado.

Semanas atrás...

Victor olhava para o rosto de Lucas enquanto o sol brilhava impiedosamente, realçando seus olhos azulados e o vento esvoaçava seus negros cabelos para trás. As mãos entrelaçadas, como se nunca fossem se separar. No entanto, só prestava atenção em seu largo sorriso. Era o mais lindo que já havia visto. É, acho que o amor deixa tudo mais lindo, pensou Victor. Mas, de repente, Lucas parou no meio da praia deserta. Victor ficou observando por um momento o que se seguia. O namorado se pôs à sua frente e pegou a sua mão. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, o semblante de Victor já não era o mesmo, e as lágrimas começavam a correr soltas pelo rosto de ambos enquanto Lucas tirava do bolso uma pequena caixa.

Não, não é um anel. Mas eu acho que você vai gostar, disse Lucas. Quando finalmente abriu a caixinha, tirou de lá dois cordões pretos, como aqueles comuns de rua, e neles tinham pequenos pingentes de corações vermelhos. Você lembra?, ele perguntou. Na exata hora em que Victor viu os pequenos corações, tudo voltou num piscar de olhos. O primeiro esbarrão entre eles, quando ambos acharam o par de cordões em uma loja local, porém era o único par e os dois discutiram feio até serem expulsos do local. E, depois de toda a tensão, riram e foram ao bar mais próximo. Após um momento atônito, Victor indagou. Como você achou isso?! Não posso acreditar, ele riu enquanto limpava as lágrimas do rosto. Bom, eu tive que dar o meu jeito, respondeu Lucas com um sorriso torto. E depois desse momento intenso, ele chegou mais perto de Victor, que já estava ofegante. Vic, casa comigo? Ele estava nervoso, mais nervoso do que nunca. Cada segundo que se passava parecia ser infinito, até que Victor finalmente quebrou o já incômodo silêncio. Sim, mas é claro que eu aceito. Você não sabe o quanto eu te amo. E, dessa vez, dará tudo certo, ele disse antes de beijá-lo calorosamente e ter certeza de que aqueles lábios formavam a mais perfeita combinação existente.

Na tarde que se seguia, Lucas fez outra proposta para Victor. Pediu para que o casamento fosse o mais rápido possível. Segundo ele, não aguentava ficar mais um minuto sequer sem que estivessem casados, sem que ambos os futuros estivessem selados para sempre. Ainda hesitante, ele deu um sorriso simbólico, e Lucas já sabia qual era o significado. Casariam-se na primeira oportunidade, com uma cerimônia íntima apenas para amigos.

No dia seguinte, Victor ainda acordava quando foi surpreendido por Lucas e uma bela mesa de café da manhã. Ele o viu na cozinha esperando e o beijou carinhosamente, encarando o oceano formado pelos seus olhos profundamente azuis. Os dois se sentaram, e ele percebeu que Lucas estava pensativo. O que houve?!, perguntou. E ele deu de ombros. Bom, ouvi falar dessa mulher, Lúcia Figueredo, ela é organizadora de eventos. Recebi várias recomendações de nossos amigos. Na verdade, eu a chamei para vir aqui às 9 para você conhecê-la melhor, entregou. Victor acenou concordando, mas com uma condição: que Mirandinha, a sua melhor amiga, estivesse junto. Lucas acatou o pedido e os dois voltaram a tomar café.

Às 9 em ponto a campainha tocou e Lucas rapidamente se moveu para atender a porta. Uma mulher, aparentando ainda estar na casa dos vinte, entrou polidamente. Negra de pele clara, com cabelos acobreados e um pouco esguia, Lúcia se introduziu, sorrindo timidamente para o casal. Ligeiramente, começou a apresentar planos de casamentos já realizados por ela. Sempre pedia a opinião de Lucas, embora se esquecesse de Victor e Mirandinha, em certos momentos. Tudo havia ocorrido aparentemente bem. Todavia, quando ela finalmente foi embora, Lucas aprovou a cerimonialista por ser tão atenciosa até nos mínimos detalhes. Imediatamente, Vic e Mirandinha caíram na gargalhada, sem que ele entendesse o que se passava. O que foi, gente? Ele indagou. E os dois continuavam a gargalhar. Cuidado, Vic. Você vai acabar perdendo o noivo, ironizou, ainda rindo solta. Verdade, é melhor eu ficar com os olhos abertos, senão ela vai preparar o casamento dela, e não o meu, disse ele voltando a rir sem parar. Gente! O que houve?!, continuava a indagar sem compreender nada. Que ingênuo! Ela ficou de quatro por você, Lucas, revelou a amiga. Ele ficou desconcertado, acenando negativamente. Claro que não, gente! Ele retrucou de forma receosa. Ai, Lucas, acorda. Só não fiquei com ciúmes porque acho que nem vale à pena né? Victor respondeu ofegante, depois de tanto gargalhar. Mas ele ficou tão desconcertado que toda aquela timidez da juventude voltou num piscar de olhos. As bochechas ficaram coradas e Lucas saiu, deixando ambos recuperarem o fôlego.

Passado o momento embaraçoso, Lucas decidiu ligar para Lúcia e pediu para se encontrarem em um restaurante no centro. Ele estava um pouco nervoso quando ela entrou. Já devidamente sentados, ele revelou o motivo do encontro. Olha, Lúcia, eu quero preparar uma grande surpresa para o Victor no casamento, você poderia me ajudar com isso? Claro que sim, ela responde. Ele começou a falar sobre surpreender o noivo com um grande gesto simbólico e queria a sua ajuda para descobrir como fazer isso da melhor forma. Quando o cardápio chegou, os dois o tocaram ao mesmo tempo, e Lúcia sentiu um calafrio correndo pelo corpo, e, de repente, sentiu-se atraída pelo sorriso desconcertante de Lucas. Olhe todos esses sinais: o toque, o sorriso, o jeito que ele te olha; é claro que ele te quer, Lúcia, ela pensava consigo mesma. Após uma hora conversando com ele, ela havia percebido que não tinha prestado atenção em nada, a não ser nos seus gestos tímidos e singelos. Quando finalmente estavam saindo do local, ela o agarrou e deu um forte beijo, mas antes que pudesse reagir, ele a afastou, incrédulo. O que deu em você, está louca?!, finalmente reagiu, após um breve silêncio. Lúcia ficou paralisada. Tentava balbuciar algumas palavras, mas nada saía. Tinha sido vítima de uma perigosa armadilha: a carência da alma.

Lucas voltava para casa totalmente atordoado em seus pensamentos. Por que ela havia feito aquilo? Por quê? E, mais importante, porque se sentia tão incomodado com o que aconteceu? Sentia-se encurralado pelas intermitentes indagações que se alojaram em sua mente. Será que devia contar a Victor o que realmente aconteceu? Entretanto, só tinha certeza de uma coisa: não queria ver o rosto de Lúcia nunca mais em sua vida.

No dia seguinte, Lucas optou por contar a Victor que não iriam mais usar os serviços de Lúcia. Ela me disse que não poderá mais realizar a cerimônia por motivos de agenda, meu amor. Ele falou, num tom nervosamente doce. Mas Victor achou estranho, não conseguia afastar essa coisa ruim dos seus pensamentos. Algo em sua voz o deixara inquieto.

Enquanto isso, Lúcia se enterrava cada vez em seus pensamentos sobre Lucas. Pensava nele o tempo inteiro e necessitava de, ao menos, ouvir a sua voz. Estava apaixonada, perdidamente apaixonada. Que estrago um beijo pode fazer, ela pensava e concordava.

Lucas corria sozinho na beira da praia ainda refletindo sobre o beijo. Enfim parou e avistou o horizonte que se encontrava à sua frente; naquele momento decidiu contar a verdade para Victor. De repente, uma mão tocou no seu ombro e fez com que tivesse calafrios pelo corpo. Se virou rapidamente com a testa franzida de tamanha surpresa. Era ninguém menos do que Lúcia, na praia deserta junto dele. Como você me achou aqui?! Anda me perseguindo?!, disse ele em um tom de repreensão, disfarçando um pensamento suprimido. Você mencionou que corria aqui nesse horário. Eu preciso, eu preciso conversar com você, ela mal conseguia balbuciar as palavras de tanto nervoso.

Não há nada pra conversar, você sabe disso. Ela tocou em seu rosto, mas ele rapidamente removeu suas mãos, não antes de notar como eram calorosas. Eu pensava que estava me enviando algum tipo de sinal para que eu... Enfim, eu admito que estava errada, mas a verdade é que eu não me arrependo. Você despertou algo em mim que eu achava que não existia mais. E isso não deve mudar nada, absolutamente nada, mas eu precisava te dizer, ela completou com um ar triste e pensativo que fez Lucas rever a mulher que pairava à sua frente através de uma nova perspectiva. Mas ainda com os olhos cerrados, ele se virou e continuou a correr enquanto a deixava lá, totalmente parada. O que Lucas sabia é que a decisão que havia tomado antes daquela conversa já não era mais certa.

De frente ao belo jardim musgoso e sem flores de sua amiga, Victor refletia. Eu não sei. Sabe quando você sente algo errado, mas não sabe o que é? Eu tô me sentindo assim, disse Victor. Sentados no balanço da varanda. Ele olhava para Mirandinha, na espera de que a amiga trouxesse qualquer tipo de luz às suas inquietações. Olha, eu acho que você tem que conversar com ele. Vocês estão há tanto tempo juntos, comunicação é sempre a chave, você sabe disso. Ela deu de ombros. E, realmente, não havia muito o que fazer ou dizer. Tudo dependeria do próprio Victor. Eu acho que eu tenho medo, sabe. Medo de tudo aquilo acontecer de novo, ele entregou, com um semblante pesado. Mas as coisas eram diferentes. Vocês estavam no início de tudo, além de que era um outro homem, não é? Ela respondeu, numa vã tentativa de acalmar o amigo. Ele concordou, pensativo, e foi embora.

Victor não conseguia parar de pensar no passado, um desesperador medo de que ele fosse se repetir. Para a própria infelicidade, sabia que, no fim, suas razões para tamanha desconfiança não eram infundadas. Pensava nos possíveis beijos, nos dois na cama, de mãos dadas, trocando carícias, palavras de amor. E aqueles pensamentos se repetiam infinitamente. Entretanto, caiu em si. Lúcia era uma mulher. E Lucas, como o mundo inteiro já sabia, era gay. Não havia necessidade de se preocupar com isso. Estava deixando s e levar por paranoias de um passado distante que não pertenciam mais a ele, mas sim a um jovem inseguro que estava apenas se descobrindo.

Lucas chegou em casa, estava todo molhado. O sal da praia ainda estava incrustado no seu corpo. Ficou horas à deriva no mar de seus próprios pensamentos. Pensando, conjecturando, teorizando sobre como lidar com seus sentimentos conturbados. Não questionava o seu amor por Victor, isso jamais passou pela sua mente. Mas não conseguia parar de pensar em como seria se tivesse Lúcia em seus braços. E, por isso, há dias não era capaz de olhar o seu amado nos olhos. Simplesmente não podia encarar aquilo que se transformava em verdade. Por isso, quando entrou na cozinha e deu de cara com Victor, não evitou um seco aceno de cabeça antes de ir para o banheiro. O brilho de um casal que estava ávido por unir suas vidas para sempre se extinguía aos poucos.

A água corria do chuveiro como chuva ácida no corpo de Lucas. Podia senti-la queimando a sua pele, como se tivesse sendo punido por apenas pensar. A corrente percorria o seu corpo como cargas elétricas que pareciam energizar mais ainda seus confusos pensamentos. Ao sair do banho, ainda molhado se fitou no espelho. Contemplando o reflexo das decisões que o tinham levado ali, teve certeza. Necessitava desesperadamente confrontar o que sentia. Enquanto se arrumava, percebeu no armário o novo perfume que ainda não tinha usado. E o pensamento de usá-lo o assustou. Estaria aceitando a possibilidade de tentar impressioná-la? Enfim, desvencilhou-se de tais pensamentos e saiu de casa. Não antes, é claro, de usar o tal perfume e perceber que Victor já não estava mais.

A noite adentrava no quarto durante o tempo em que Lúcia se encarava no espelho. Via no reflexo o fantasma da extraordinária mulher que um dia já fora, apenas para reparar no estilhaço do canto superior do espelho. Quebrado e sem conserto, igual a mim, pensou, penteando os cabelos quebradiços. Mudou o olhar de direção para a praia deserta da sua janela, mas novamente foi arrebatada pela tristeza daquela lua solitária. Repentinamente, ouviu a campainha tocar. Terminou de pentear os cabelos rapidamente, passou um lip gloss sweet pink e foi de encontro à porta. Embora tivesse escassas esperanças de quem estava no seu corredor, não podia se chocar mais com a dura verdade que se abriu à sua frente.

Eu acho que você não me esperava aqui, revelou Victor. A expressão de choque de Lúcia era inevitável. Queria fugir dali, mas como sairia correndo da própria casa? Não teve jeito, tinha que encarar Victor. O que o senhor faz aqui? Ela indagou. Eu quero saber o que realmente aconteceu. Por que o Lucas te despediu? Desde que isso aconteceu, ele mal fala comigo. Sempre se esquivava de mim. Eu acho que tenho o direito de saber. Ele falava ao passo que seu emocional tomava conta de sua voz, já embargada. O silêncio criou uma distância infundável entre os dois. De um lado, alguém desesperado por respostas que revelariam se vivia o passado outra vez. Do outro, alguém que buscava redenção nas formas mais erradas de amar. Um eterno minuto se passou até que ela conseguisse encontrar a coragem necessária para dizer o que tinha que ser dito. Eu o beijei, enfim revelou. As lágrimas se vidraram cintilantes nos olhos dele. Estava ali, em pé, mas se encontrava sem chão. A cabeça se curvou para baixo. Não tinha manual que lhe mostrasse como se sentir, mesmo que seja por uma segunda ou terceira vez. Queria gritar com ela, queria sentir raiva dela, queria ser capaz de odiá-la. Mas não era.

O estrondoso silêncio entrecortado pelo seu choro contido no corredor fora drasticamente interrompido. Victor? Indagou Lucas, angustiadamente chocado por vê-lo naquela humilhante situação. Victor se virou, e uma súbita raiva correu pelas suas veias. Quando percebeu, já estava empurrando o Lucas com toda a força que tinha, e as lágrimas que estavam contidas agora derramavam ferventes no rosto do seu noivo. Lúcia não tinha reação. Estava aturdida, imóvel, assistindo o que acontecia. Lucas, por outro lado, não revidou uma única vez. Tomava a culpa dos golpes contra seu peito, uma forma branda de amenizar o que sentia. E porque o sentia. Entretanto, a raiva de Victor se enervava ao passo que golpeava o amado. Estava cansado, tanto física quanto emocionalmente. E então, parou. Novamente, o silêncio invadiu o lugar. Com as mãos feridas, Victor se levantou sem dizer uma palavra e já virava o corredor quando ouviu novamente a voz dele.

Ela, ela me beijou. Foi só um beijo, nada mais do que isso, finalmente confessou. Victor parou de costas. O tempo parecia não passar. Lúcia ainda estava ali, agora entristecida com a confissão de Lucas. Victor se virou para encarar Lucas novamente. Victor, fala comigo, por favor! Ele suplicava, em vão. Mas nada acontecia. Victor continuava imóvel, sem saber responder a não ser que fosse com seus punhos cerrados. Lúcia, que antes estava na porta, correu para o quarto, embora seu choro pudesse ser ouvido por toda a ilha. Ainda no corredor, Lucas continuava a implorar pelo perdão do seu verdadeiro amado. Vic, me desculpa, eu não queria fazer isso, foi um impulso. Eu sei que eu errei. Eu sei que eu deveria ter contado, mas eu fiquei com medo, ele falava sem saber como continuar. Mas fora, enfim, interrompido.

Medo? Você sentia medo? E eu? Como você acha que eu me senti? As palavras emergiam com uma dor cortante. Ver tudo isso se repetir, todas as suas dúvidas, ser novamente jogado de lado. Você acha que não doeu? E ele o encarava nos olhos. Lucas não tinha argumentos, não tinha mais nada. Me perdoa. Eu sei que vou mudar, eu só tinha dúvidas. Eu só... E, então, fora novamente interrompido. Dúvidas, dúvidas, dúvidas... Você sempre cheio de dúvidas, enquanto a minha única certeza era você. Como eu fui burro, como eu fui idiota. Eu posso até querer você, mas eu não quero mais isso pra minha vida. A voz, novamente embargada era quase inaudível. Foi só um beijo, nada mais, ele deu de ombros.

Se você acha que tudo isso foi só pelo beijo, e não pelas mentiras, pelas intermináveis dúvidas, pela sua falta de lealdade comigo... É, você realmente não entendeu. Ele continuou a ir embora. Todavia, num ímpeto de esperança, Lucas tentou agarrar Victor para beijá-lo. Eu te amo, Vic, eu te amo. Dizia enquanto o acariciava, tentava beijar seus lábios a todo custo. Até que Victor não aguentou mais e o empurrou fortemente, apenas para serem surpreendidos por um grande estrondo. Lucas não entendeu nada, até que se virou e viu Lúcia, completamente horrorizada com os próprios atos ao modo em que largava o revólver de suas mãos. E então, se virou ao ouvir a agonia de Victor em sua voz.

Lucas... Lucas, me ajuda. Ele agonizava enquanto repousava a mão no peitoral encharcado de sangue. Caiu de joelhos, o sangue já saía pela boca e mal conseguia respirar. Fica comigo, fica aqui. Não feche os olhos, fica comigo. Me perdoe, eu te amo, gritava Lucas, em choque. Via as lágrimas se transformarem num choro desesperado e desolado. Olhava para Vic, que o fitava de volta. Sabiam que não havia mais jeito.

Do outro lado, escutava-se os murmúrios repetidos de Lúcia. Ele não te merecia, ele não te queria. Não, ele não te queria. Ele não te merecia. Em posição fetal, tremulava da cabeça aos pés. Também se encontrava assombrada. Apesar de não ter puxado o gatilho, Lucas sabia que era ele quem havia destruído a vida da pessoa que mais amava. Era como se tivesse matado a si mesmo. Ele está morto, morto, e eu o matei, dizia à Lúcia, que o escutava sem compreender. Finalmente se levantou, carregando o corpo de Vic nos braços. Já no frio da madrugada, Lucas arrastava o corpo de Vic para a areia. Ironicamente, não era o corpo do morto que pesava, mas sim o dele. Era o corpo dele que carregava a culpa de ter causado a morte de quem amava. Inconscientemente, procurava pelo impossível. Buscava redenção.

Chegara ao ponto aonde tudo começara semanas atrás, ao ponto que culminou na sua maior desgraça. Enquanto arrastava o corpo de Victor pela praia com toda a sua força, o que mais possuía certeza era de que tinha que pedir perdão, perdão por algo que era imperdoável, pensava ele. Encarava o mar límpido, ainda calmo perante à tempestade que caía. Quando tocou seus pés na água, sentiu a fúria do mar. Sentia a sua dor se unir com a dele. As ondas fortes batiam nos joelhos e resvalavam nos cabelos de Vic, enquanto Lucas caminhava mais e mais fundo, rumo ao horizonte. A água se apossou do seu corpo, de forma que não conseguia mais controlar seus movimentos, ele flutuava leve em contrapartida ao seu coração pesado. Era o momento final. Eu sei que o que fiz é imperdoável, Vic. Eu sei. Mas sem você... Ah Vic, eu não sei o que fazer. Eu... Me desculpa, me desculpa, ele falava para as ondas que batiam em seu rosto. O tempo passava e Lucas continuava agarrado ao corpo do noivo, não o largou mesmo quando a água limpava os seus pecados e enchia os seus pulmões. Porém agora, já não era mais dono de si ao passo que lutava contra as águas.

O mar veio ao seu encontro, tomou-lhe o que era seu por direito. E, então, esgarrou Lucas de volta à areia molhada. Do outro lado da ilha, semanas depois, curiosamente acharam um corpo vindo de encontro à areia. Aos pescadores e turistas que havia o encontrado, algo chamou a atenção: o corpo carregava em cada pulso, cordões pretos enrolados com pequenos pingentes de coração. E logo, toda a região queria saber sobre o caso do Coração do Mar.

Menção Honrosa

Autoria: Breno dos Santos França

Curso Som Imagem e Movimento — Campus Sosígenes Costa/UFSB

Saldade Maikon

Na parede da escola está escrito “saldade Maikon”.

Também sinto saudade dele, por mais que, no dia que ele morreu, eu ouvi as pessoas dizendo: “menos um para matar ou roubar o cidadão de bem”. Maikon um dia roubou minha bicicleta, mas por outros vários dias ele brincou comigo na rua. Por isso eu entendo quem pixou na parede da escola da minha rua. Você também sentiria falta se tivesse brincado com ele na rua. Todo mundo que diz ele não vai fazer falta, está nos jornais, no radar 64, no Balanço Geral, mas se disser que ele faz falta, ninguém te ouve. Então, o jeito é fazer as pessoas lerem sempre que passam em frente ao muro, que tem alguém que sente falta de Maikon.

Menção Honrosa

Autoria: Jhonatan Almeida de Sousa

Licenciatura Interdisciplinar em Artes — Campus Sosígenes Costa/UFSB

Um Barco

Depois de mais uma noite em claro, depois de quase ser atropelado, ele chega ofegante, mas chega, para mais um dia de trabalho. Vai direto para a sala do seu chefe entregar o que foi pedido, o causador da sua insônia, o relatório que tinha que entregar aquele dia.

- Por isso que você é o meu melhor funcionário, entrega os relatórios antes do prazo. Disse o chefe contente.

Antes do prazo, pensou ele. Não era sexta-feira, então que dia era, confundiu o dia da semana de novo.

Agradeceu o chefe e saiu, foi para sua mesa. Perguntou que dia era para seu colega, descobriu que era terça-feira, caso continuasse a confundir os dias da semana, com certeza, seria promovido.

Seguiu seu dia com coisas iguais a ontem e provavelmente iguais a amanhã. O dia passa, de volta a sua casa, era grande muito grande tão grande que fazia eco ou era por ser vazia? Seus móveis eram poucos, mas caros, tão caros quanto podiam ser. Ele não se lembrava o porque de ter comprado uma casa tão grande já que vivia sozinho. Ignorando o próprio questionamento, adormeceu. Acorda, trabalha, dorme, trabalha, acorda, não dorme, trabalha.

Mais um dia de trabalho, o silêncio e calado pelo som da voz do seu chefe.

- Caíque, venha a minha sala. Falou o chefe.

Ninguém se manifesta, o chefe repete e na terceira vez o chefe foi direto a sua mesa. Ele não tinha ouvido pois estava muito concentrado nos seus afazeres, mesmo que ele tivesse a sensação de já ter feito aquilo.

- Caíque, me acompanhe. Disse o chefe.

Meio atordoado, acompanha o chefe. Ele normalmente não é chamado por quase ninguém, com exceção dos bons dias que distribui, não conversava.

- Caíque, parabéns, alcançou o objetivo de todos os funcionários dessa empresa, será promovido.

No final daquele dia olhou-se no espelho, a frase do seu chefe não saía de sua cabeça, “alcançou o objetivo”, Que objetivo? Ele não tinha objetivo. Encarando-se, ele grita tão alto que nada sai da sua boca. Ele deita, mas não dorme. A frase do chefe gira em sua mente. Ele pensou no que aquilo significou. Nada. Pensou e lembrou-se do seu nome que quase havia esquecido. Caíque, seu nome, tinha relação com barcos ou coisa parecida, lembrou-se do seu pai que trabalhava num navio, o velho Dorival, que desafiava os mares mesmo com os pedidos de sua mãe para trocar de profissão. Ele nunca ligou, sempre dizia ter o corpo fechado, para ela não se preocupar, que ele sempre ia voltar e de fato voltou todas às vezes, mesmo que na última estivesse morto. Desde então ele ouviu os conselhos de sua mãe, escolheu uma profissão segura, muito segura, sem nenhum risco, estudou, estudou, conseguiu um ótimo emprego e alcançou seu objetivo, que agora existia. Naquela noite ele não dormiu, quando o sol nasceu ele já tinha tomado a decisão, viveria como o seu pai, que viveu uma vida que valia a pena, com riscos, com emoções, honraria o nome que lhe foi dado, pediria demissão, compraria um barco e sairia navegando pelo mundo, sem rumo, já que não precisava de um.

Saiu de casa, caminhou decidido e foi atropelado por um caminhão, morreu na hora.

Menção Honrosa

Autoria: Andrew Costa Magalhães

Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades — Campus Sosígenes Costa/UFSB

Trabalhos Seleccionados

O fim de um segredo

Hoje é um dia de festa e alegria, finalmente seu aniversário de 30 anos. Ainda me lembro de você quando criança correndo pela casa enquanto gritava ‘Mãe, mãe olha pra mim eu sou o Batman!’. Agora não nos vemos com tanta frequência, você trabalha tanto que até sua esposa já me ligou reclamando da sua falta de atenção. Filho, cuide de sua esposa, se não o fizer outro fará.

Então, meu objetivo ao escrever essa carta é te contar a verdade que guardei durante anos, pagar uma promessa e expurgar um fantasma da vida. O que tenho para dizer é difícil de falar e de escutar, mas você não é mais uma criança. És um homem feito, um bom homem, o orgulho da minha vida.

Eu sempre fui comunicativa, por isso decidi cursar jornalismo. Ao longo do curso conheci muita gente do meu curso e de outros também, muitas pessoas boas outras nem tanto. Dentre eles, conheci três lindos homens. George Williams era romântico e sincero. Trevor Miller, esperto e inteligente. Eric Northman, atlético e não muito inteligente. Eu amava ficar com os três. Comecei a namorar o Trevor primeiro e após algum tempo George se declarou para mim, eu deveria rejeitá-lo, mas não o fiz. Eu fiquei realmente confusa em namorar os dois ao mesmo tempo e não sabia qual escolher, na verdade eu não queria ter de escolher. Contudo, o tempo passou mais rápido do que eu podia pensar e eles descobriram, mas nenhum dos dois terminou comigo. Foi um verdadeiro pandemônio, George ficou muito irritado e enquanto conversávamos ele deu um tapa, eu simplesmente me virei e fui embora. Na noite daquele mesmo dia encontrei Trevor, ou melhor encontrei um dragão, um dragão que cuspiu fogo e me queimou por completa com seus xingamentos que marcaram eternamente minha memória.

No dia seguinte, eu estava devastada, as lágrimas não cessaram durante todo o dia. Pela noite, meus pensamentos começaram a mudar. No fundo eu sabia que merecia o que eles me fizeram, mas herdei o orgulho do seu avô e me recusei sofrer por duas histórias que já tinham acabado. Peguei o celular e liguei para minha amiga Ashley para saber onde seria a festa de recepção dos calouros do curso de educação física que tinha sido convidada. Se pudesse voltar no tempo, essa seria uma decisão que mudaria na minha vida, pois ela foi decisiva para tudo que aconteceu depois.

Naquela festa foi onde conheci Eric Northman. As garotas estavam todas seduzidas por aquele homem que exalava virilidade e tinha uma beleza que apaixonaria até mesmo o próprio Narciso. Eric poderia ter qualquer garota no campus, até hoje não sei o motivo pelo qual ele se interessou por mim. Eu negava suas investidas iniciais, não o dava muita atenção, só queria dançar com algumas amigas, mas quando elas observaram a insistência de Eric, me convenceram a ficar com ele. Exatamente enquanto eu beijava Eric alguma força sobrenatural fez Trevor e George brotarem do chão e assistirem o beijo. Assim que abri meus olhos os vi com o semblante de decepção em suas faces, se viraram e saíram do recinto. Eu fui atrás deles e Eric sem entender a minha agitação me seguiu. Eles me procuravam para pedir perdão sobre o que tinham feito com a cabeça quente no dia anterior e que poderíamos encontrar outra maneira de resolver aquela situação. Infelizmente não os alcancei a tempo, me senti pior que antes, tudo era culpa minha e não sabia o que fazer. Despistei Eric e deitei em um banco da praça universitária e ali assisti o nascer do sol, o qual não veria novamente por quase uma semana.

Alguns dias depois, eu volto para o campus e retorno a frequentar minhas aulas. Não demorou muito para encontrar os três rapazes se desentendo e brigando para saber quem ficaria comigo. Diante daquela situação fiquei assustada, pois era tudo culpa minha e eles não deveriam estar mais interessados em mim, mas percebi como eles falavam de mim como objeto e falei alto ‘Não briguem por mim, não vou namorar nenhum dos “três”. Eles paralisaram por alguns segundos após a minha fala e não entenderam o que estava acontecendo. Eu repeti a mesma frase e fui embora.

13 de setembro de 1990, nunca esquecerei essa data foi nesse dia em que os três rapazes me procuraram com uma proposta de solucionar o conflito entre nós. Primeiros eles se desculparam pelas situações anteriores e depois propuseram a maior loucura que já escutei na minha vida. Eles queriam me namorar todos juntos, organizaram entre si até dias em que eu deveria ficar com cada um deles. Pensei que aquilo era um absurdo e que tipo de mulher eu seria se aceitasse aquilo, porém a culpa falou mais alto na minha consciência e me senti obrigada a aceitar aquela loucura por tudo que tinha feito a eles.

No primeiro mês foi muito estranho, ficava com o Eric enquanto ele me acompanhava até minha sala de aula e lá encontrava Trevor que era do mesmo curso e já o dava um beijinho e no intervalo George me trazia lanche e roubava minha respiração.

Para minha surpresa nós 4 nos dávamos muito bem juntos, nos estudos, nas viagens, nas festas, nos acampamentos... Tudo era tão leve e natural tanto que todo aquele ano parecia um sonho. O problema é que sonhos não duram para sempre.

Esse sonho acabou quando me senti um pouco enjoada e observei que minha menstruação estava atrasada a alguns dias. Preocupada, eu fui até a farmácia e comprei um exame. Não permiti que nenhum dos rapazes viessem dormir comigo naquela noite e na manhã seguinte fiz o exame. Olhava fixamente enquanto aquela tarja do exame ficava azul o que indicava positivo para a gravidez. Nesse momento fiquei muito tensa, sabia que tinha que contar para eles sobre a gravidez. Três dias se passaram para poder digerir aquela nova informação e reunir Trevor, George e Eric para dar a notícia de que eles seriam papais. Quando terminei de contar e mostrar o exame que tinha feito Eric ficou furioso e gritou que o bebê não era dele, George rejeitou a notícia e me disse que já tinha outra pessoa, minha última esperança foi Trevor que pediu para que eu fizesse um aborto e eu terminei com ele. Depois desse momento me senti tão desprezível, repugnante, desvalorizada. Assim, eu realmente não sabia o que faria da minha vida, logo a minha barriga iria crescer e eu teria uma enorme responsabilidade em meus braços. Foi nesse contexto em que seu pai apareceu, Michael Novotny, um amigo de infância que me segurou e disse que tudo ficaria bem. Não demorou para começarmos a namorar, noivar, casar e Michael realizar seu sonho de paternidade. Foi ao Michael que prometi, em seu leito de morte, escrever essa carta no seu trigésimo aniversário para te dizer que aquele bebê era você e eu não sei quem é seu pai biológico.

Autoria: Franciel Macedo Almeida de Jesus
BI Saúde — Campus Jorge Amado/UFSB

Abri os olhos...

Ao levantar, abri as cortinas, olhei ao horizonte, o céu estava azul, o sol brilhava como se convidasse para sair de casa. Caminhei mais um pouco e na sala, ao abrir as cortinas, os raios adentravam a janela e suscitavam lembranças de uma época em que frequentava a feira do mercadão próximo da estação rodoviária. Aceitando o convite solar, abri as portas e senti o vento frio rompendo o espaço entre mim e as portas, que se desdobravam para as laterais, o porta-retratos caiu sobre o balcão e logo o vento abrandou. Virei, puxei as portas e sai. Andei três quarteirões e passei em frente a uma “venda”, nome dado aos estabelecimentos que vendiam bebidas alcóolicas variadas: dentro de uma das garrafas havia uma cachaça muito apreciada pelo meu pai – trata-se da coleção de aguardente com ervas e cascas arbóreas. Mas seguindo meu caminho cheguei à feira. Procurei o espaço mais ao canto e fiquei a observar.

De longe eu vi um menino apanhando do irmão. Com motivo: não aguentava gritar: - Olha a farinha! R\$1,00 o litro! Ué! Mas não é irmão? Pois é, a violência está mais próxima do que se imagina! Então, mas que motivos esse irmão mais velho tinha para maltratar o mais jovem? Não sei, mas soube por comentários entre donas de barracas, que a mãe dos meninos estava em casa, cuidando da refeição para o almoço e zelando pelos primeiros dias de vida do irmãozinho que acabara de nascer.

Vixe! Fiquei com medo e virei a face, e nesse momento...

Pega!, pega!, pega!... no mesmo momento, passou de um lado para outro um vulto que não saberia identificar se era um homem ou uma mulher. Mas sei que uma outra pessoa careca e barba por fazer corria quase que caindo e, tirando o chinelo, jogou no vulto que não conseguia mais ver, mas apenas perceber o frisson das pessoas olhando em direção ao vulto. O homem que corria no encalço do vulto ficou parado com a mão esquerda na cabeça. Muito exaltado, mas muito desesperado, voltou andando, abaixando e levantando a cabeça...

O chinelo jogado caiu próximo a uma barraca do outro lado da rua, na qual vi um homem deitado sob a barraca de roupas, com um chapéu de palha cobrindo o rosto; do lado uma mulher feia – toda feia se parece diferente da minha mãe, sentada ao banco de madeira pintada de branco comendo o que estava em uma “malmita”. Um pouco do arroz caiu e nesse momento um pardal se aproximou, uma pomba aproximou-se para dividir as migalhas...

As migalhas eram também o que catavam algumas pessoas ao redor das barracas mais distantes, geralmente nas bordas do mercado. Mas quase sempre tinha um “bacana” com o carro parado ao lado, calçando botina de espelho – brilhava feito um!..., estava com um chapéu branco e calça branca e na camisa o nome EviL NaciremA. Na parte de baixo da feira, encontrava-se mais uns punhados de pessoas agrupadas. Nesse grupo, havia muita bondade, a parte que cabia aos que pouco detinham financeiramente, costumava até ficar reservada. Trata-se daquelas frutas cuja estética não agradava às dondocas (apelido carinhoso para dona de casas dengosas) – geralmente de passagem pois não podiam ser vistas na pechincha. Enquanto isso, todas aquelas vozes ecoavam, as pessoas consumiam e consumiam e consumiam, vorazmente...

Consumiam alegria no cumprimento despretensioso e consumiam o tempo para um bate-papo com um conhecido na esquina de uma barraca de peixe. O odor característico parecia me transportar para um rio que sofreu uma enchente e suas bordas se esvaziaram rapidamente em horas, deixando para trás – após um dia de sol, alguns peixes que sofreram a falta de oxigênio na água e receberam muita exposição solar.

O consumo do tempo também costumava ocorrer após um esbarrão em um vizinho ou outro que quase não se falam, impedido pelos muros de suas casas. Na feira, os muros inexistem e é possível observar o quintal do outro. É possível observar se a grama realmente é mais verde. O fato é que a cor verde faz parte da metade da feira, pois lá se encontram os temperos e todas as hortaliças importantes para a alimentação saudável. A saúde estava também na prosa daquelas senhoras que de tanto falar, se queixavam da panela de pressão que já não funcionava, dos pets trabalhosos e brigas de filhos.

No espaço da feira, a dinâmica acompanha o ritmo da vida, as pessoas que estão com pressa, continuam apressadas e não podem parar; as que buscam, não param de buscar; as que desistem, já chegam pensando em voltar. Nesse lugar de figuras pitorescas, é pitoresco não pechinchar. Nesse dia, deparei-me com um menino, ele estava sentado ao lado da mãe, que parecia uma imagem borrada naquele contexto. O local em que se encontravam era mais precisamente próximo de uma barraquinha de baiana, essa barraca em formato quadrado era de madeira e estava coberta com uma toalha plástica quadriculada com as cores vermelha e branca; estava localizada no limite da cobertura do mercado, por isso tinha um grande guarda-sol branco com letras vermelhas. O cheiro era muito característico e avultava pelo cheiro de vinagrete misturado com a fritura do pastel. Esse quitute era ofertado nas opções de queijo com presunto, carne seca e queijo e, para todos eles, era possível, ao desejo do cliente acrescentar o vinagrete que se resumia em repolho cortado em tiras finíssimas, misturadas ao tomate cortado em cubos, misturados com cebolas, também cortadas em filetes igualmente finos.

Ao olhar o menino, ele me viu e puxou a blusa da mãe como para lhe falar algo, mas a mãe estava tão envolvida na prosa que não se deu conta do sinal do filho. Desceu do banco de madeira no qual se assentava e deu uma volta em torno da barraca. De maneira muito descontraída a criança saiu e foi andar atrás de um pombo marrom entre diversos brancos que começava a voar toda vez que o menino se aproximava. Ao perceber que não pegaria nenhum daqueles pássaros, o menino saiu a perambular. Pelo meio do caminho deparava com armações, vários sacos de farinhas, barracas com cebolas, mas seus locais preferidos eram os espaços que habitavam as marias-moles, os suspiros, os sorvetes e as pipocas.

Tempos depois de caminhar, percebia que quanto mais andava, mais as ruas iam ficando escuras e o odor das comidas se misturava com o forte cheiro de sangue, então percebeu que estava tarde, andou muito tempo ao sol. Além disso, o gosto de sangue na garganta e um líquido geladinho sobre o lábio o fez levar a mão ao nariz, percebeu o sangue na mão direita. Procurou a mãe e saiu à procura do caminho de volta, mas não tinha volta, e a volta que a vida deu, separou os dois.

Autoria: Rogério Souza Silva

BI Saúde — Campus Paulo Freire/UFSB

Maria Baratinha

"Maria Baratinha" era assim que todos chamavam aquela menina que carregou na memória. Pequena, branca e cheia de pintinhas no rosto, o cabelo de Maria era um loiro descolorido pelo sol, cortado até a altura do pescoço. Talvez seu nome até seja Maria, mas não "Baratinha" quem sabe Maria José, Maria Aparecida, Maria das Dores, Maria Helena. Maria Baratinha não saía da segunda série, será que não gostava de crescer? Os meninos já espertos na vida a tomavam para sua diversão que naquela época não tinha muitas. Mas na hora do recreio, eles gritavam seu apelido "Maria Baratinha, Maria Baratinha" e lá ia ela correr atrás deles pelos corredores da escola.

As professoras só enxergavam Maria Baratinha na hora que a viam correndo feito um moleque macho, nos corredores da escola. E acudiram logo para repreender. Maria não tinha sorte, sua merenda era roubada assim que servia o lanche. Seu material escolar sumia dentro da sala, não respondia o dever porque algum engraçadinho escondia seu material.

No dia que Maria chegava na escola toda quieta, eles faziam canudinho com caneta e assopraram papel em sua orelha. Maria gritava e até contava para as professoras, mas a professora reclamava era com Maria, porque era ela que estava atrapalhando a aula. Restava apenas o choro, e quando ela chorava sua face ficava toda vermelha.

Mas logo, logo, a menina estava pronta para a próxima diversão deles que era agora tapa nas costas. As meninas de sua classe não queriam ser amiga de Maria Baratinha. Ela era mais pobre que as outras, todas elas usavam fardas: blusa branca e saia pinçada típica dos estudantes. A blusa de Maria era sempre amarela, e não usava tênis, apenas havaianas. Não tinha o material escolar adequado para as aulas de artes, como caderno de desenho, lápis de cor, hidrocor, giz de cera, cola, régua, nada disso Maria tinha.

Também Maria não gostava daquela arte.

Ninguém dividia o geladinho chamado de mancha pulmão, de K-suco com ela, nem compartilhava as contas de matemática e os trabalhos em grupos. Maria fazia seus trabalhos de casa com os mesmos meninos que judiavam dela. Na hora de ler, ela gaguejava e a sala toda via cada erro dela. Maria morava com duas tias bem velhinhas, em uma casa bonita, colorida por flores e cheia de retalhos. Com telhados velhos e pintura antiga no final da rua principal.

Suas tias usavam lenços no cabelo e já estavam quase cegas e surdas. Quando Maria saía com suas tias, os engraçadinhos já tratavam de fazer as brincadeiras com ela. A frase que berrava de sua boca era "PARA MENINO VEI!". Todos que eu conheço já estudaram com Maria e a história era sempre a mesma, no final do ano Maria não tinha os pontos necessários para passar. Quando fui para terceira série, encontrei Maria na minha sala. Já não era uma menina, era uma mocinha, mais velha que eu.

Agora Maria tem a turma dela, de meninas grandes. A professora de Maria é carinhosa e fala como se preocupasse com ela. Prova disso foi quando a professora mandou recado que queria falar com a mãe de Maria e repreendeu por bater tanto na pobre menina. Maria já não corre como Macho.

Autoria: Cláudia Vanessa Gomes Moura

Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais

Campus Sosígenes Costa/UFSB

Braços que se tornam asas

Ele se foi. Não sem antes deixar o seu legado. Lembro-me com frequência e agora muito mais, do dia em que me senti totalmente amparada por ele. Isto aconteceu há mais de 20 anos. No entanto, sinto sua presença como se fosse hoje.

Naquela época eu estava em depressão, gostava muito do meu trabalho, mas não conseguia me adaptar as regras. O sentimento de opressão, por parte de diversas pessoas, tornava meu trabalho sufocante. Além disso, sentia muita falta da minha família que havia mudado para outro estado há muito tempo.

Os dias eram torturantes, a cada dia que levantava e tinha que caminhar até o trabalho eu o fazia com muito custo, sofria até o meu retorno para casa a cada final de dia.

Naquele fim de tarde, após retornar para casa, tinha roupa para passar. Com muito custo coloquei a coberta sobre a mesa e no vai e vem do ferro de passar, fui me livrando das roupas uma a uma. No fim, com extrema exaustão, guardei o ferro e as roupas já passadas. Ao retornar para retirar a coberta da mesa, me debrucei sobre a mesma.

Desta forma fiquei por um bom tempo, sem coragem ou ânimo para me levantar. Na cabeça um vazio, no coração o desalento, solidão na sala e na alma, olhava sem ver. Não via futuro, não tinha esperança.

Não tinha noção do tempo passando. Até que ouvi meu marido chegando de um árduo dia de trabalho na roça, a porta se abriu, ele tirou o calçado, entrou pela sala e me viu debruçada de braços abertos sobre a mesa com o olhar perdido na imensidão.

Ele sabia das dificuldades pelas quais eu estava passando. Não disse nada, atravessou a sala e se colocou sobre o meu dorso, abriu os braços sobre os meus. Ficou ali, por um longo tempo, sem nada dizer. O calor de seu corpo se irradiou sobre o meu. A paz foi chegando, a solidão se dissipando, não estava mais sozinha. A posição em que ele se colocou transmitia a sensação de um anjo que abria suas asas sobre mim.

O sentimento de amparo foi muito além do que qualquer coisa que pudesse existir.

Eu estava protegida. Foi lindo!

Agora eu não tenho mais você. Uma fatalidade te tirou deste mundo. Estou sozinha. Não tenho seus braços/asas para me proteger. Estou de novo perdida, não vejo futuro, não tenho esperança. Não sinto o calor de seu corpo a me aquecer. O que é que eu vou fazer?

Autoria: Arap Leinad Moc Roma

Nana mais Ninha

Sabe do que eu lembrei agora, batendo essa massa de biscoito? Foi da dona Ana aquela que tinha duas filhas, uma que se chamava pelo nome de Nana e a outra pelo nome Ninha.

Pensa numas meninas traquinas. Esse povo todo morava em um lugar bem distante, não era na cidade não... Era na zona rural.

O pai de Nana mais Ninha se chamava pelo nome de como era mermo? Que eu me esqueci...

Hum, lembrei agora, era o senhor Aurino.

Eu esqueci de falar para vocês que essas meninas eram mabaça, daquelas bem parecidas que deixava todo mundo confuso sem saber quem era quem.

A infância de Nana mais Ninha foi todinha na roça. Uma infância simples, mas cheia de muita alegria.

Nana mais Ninha dormiam com as galinhas e acordavam com os galos, mas brincavam o dia todinho.

E brincava de cantiga de roda, amarelinha, de contar história, mas o que elas mais gostavam era das bonecas de pano.

E não tinha tempo ruim não, Nana mais Ninha tomavam banho de rio, subiam nas árvores, onde iam levavam as bonecas para quando caso sobrasse um tempinho brincarem de cozinhado debaixo das árvores.

O dia mais feliz de Nana mais Ninha era o dia de São Joao, São Pedro e São Cosme e Damião. E era roupa nova, sapato novo novinho e quando a noite chegava e o frio aumentava era na fogueira do São Joao que elas se esquentavam.

Mas se tinham coisas que Nana e Ninha gostavam muito eram dos biscoitos de goma e dos bolos de puba e aipim que a mamãe prepara, hum que delícia. Nana mais Ninha gostavam tanto dos biscoitos que comiam até a raspa da gamela e da colher de pau que eram usados para preparar as delícias...

É ai que entra a minha lembrança... Certo dia a dona Ana que sabia que Nana mais Ninha gostavam tanto dos biscoitos, resolveu fazer duas bonecas com a massa do biscoito que depois de prontas ficaram lindas. Pensa na felicidade dessas meninas ao ver as bonecas de biscoito, ou biscoito de bonecas, pensou. E era assim que Nana mais Ninha se empanzinavam de biscoitos e saíam contando e dançando as canções em homenagem ao São João.

Eta, que até sinto o cheiro dos meus biscoitos lá no forno. Olha a prosa esta boa, mas a hora encaminha e eu preciso ver os meus biscoitos que ficaram lá no forno.

Olha que essa prosa não é de mentira não, é de verdade.

Autoria: Adriana Viana Lima

Curso de Especialização em Dramaturgias Expandidas do Corpo e dos Saberes Populares

Centro de Formação em Artes e Comunicação/Campus Sosígenes Costa/UFSP

Nossa primeira vez

Tenho certeza de que você me viu primeiro. Eu, além de míope, sou distraída. Sentei-me naquela cadeira, você, tão tímido, do meu lado. Quem ia dar o primeiro passo? Se não fosse a armação que aquela moça fez, nós dois não estaríamos juntos.

Esse final de semana foi o mais demorado da minha vida. Faltavam três dias para você chegar de viagem. Fiquei tão ansiosa que, na segunda, dia de sua chegada, eu não consegui almoçar, fui direto ao seu encontro. Aconteceu tudo muito rápido. Trouxe até a minha casa, apresentei aos meus pais.

Alguns amigos disseram que não combinávamos, mas eu sou de pagar para ver! Quero te dizer que ontem foi incrível! Nós dois na rua provocando os outros casais com medo da chuva. Que sensação maravilhosa. Ontem, meu óculos e eu tomamos nosso primeiro banho de chuva.

Autoria: Morgana Passos

Prosa
Categoria: público Externo

Meu triste fim

Tentando alinhar as orbitas da minha vida, eu caminhei por lugares assustadores, mas as melhores partes ainda me trazem um sorriso bobo. Eu venho do Rio de Janeiro, da favela da Maré, cresci em meio ao caos e agora com uma arma em minha cabeça eu me lembro em detalhes da minha vida.

Desde pequeno eu quis seguir um caminho diferente, ouvi minha mãe implorar todos os dias para não me envolver no movimento. E eu não ia suportar decepcionar ela, nos últimos quatro anos eu descí todo santo dia o morro pra estudar e trabalhar, no fim do dia voltava com medo, mas até hoje nada tinha me acontecido.

Logo hoje! Hoje quando descí o morro, fui trabalhar com sorriso no rosto, por que no fim do expediente, eu iria até a UFRJ, até ontem estava na lista de espera para o curso de direito, e ao que parece alguém havia desistido e me chamaram, uma lágrima escorreu no meu rosto quando li Gustavo Guimarães na lista de convocados.

Quando voltava pra casa, eu não conseguia esconder minha felicidade, dei boa noite para Dona Lúcia da venda, e quando pisquei os olhos senti meu corpo sendo puxado, eles me pegaram. Os homens do Grego me querem desde que meu irmão se tornou o chefe do tráfico no complexo da Maré, o Grego bom ele pra mim é Guilherme.

Há quatro anos eu escolhi fazer faculdade, ser alguém poder proporcionar uma vida melhor para minha mãe. A Dona Ana passou por poucas e boas nos últimos anos, o Guilherme se perdeu nesse mesmo tempo, ele era meu herói e se tornou o motivo dos meus pesadelos, tenho evitado há tanto tempo que nem me lembro do rosto dele.

Quando eu cheguei no 1º ano do ensino médio eu conheci um professor, ele acreditou em mim, ele disse que eu seria o melhor aluno na matéria dele, e no final do ano, me tornei o melhor aluno da escola. No 2º ano eu repeti o feito, e fiquei ainda mais obcecado por notas, por aprender mais, e no 3º eu fui o orador da turma na formatura, então ganhei uma bolsa pra fazer um cursinho, no meio de outros como eu escolhi direito.

Meu irmão apareceu atrás dos capangas, e me abraçou! Como ele ousava? Guilherme disse: “-Senti sua falta maninho.” Dei um sorriso irônico e disse: “-É assim que você me convida para um jantar!” Ele balançou a cabeça e pediu para que seus homens sássem de lá. Ele olhou nos meus olhos e disse: “-Gusta, essa é sua última chance de entrar pro movimento, você sabe que vai ter uma vida melhor.” Então com nojo dele disse: “-Gui, você tá na caminhada errada, eu vou ser um doutor, vou dar uma vida melhor pra nossa mãe, sai dessa vida irmão.” O Gustavo sorriu em tom de deboche e disse: “- Saí dessa? (risos) depois que se entra não dá pra sair, eu estou bem.”

Quando a gente era criança, eu e o Gui brincávamos sem medo de nada, a gente era feliz, nosso pai ainda era vivo, nossa mãe não se matava de tanto trabalhar, mas em uma troca de tiro de soldados e traficantes, bom nosso pai estava na hora errado no lugar errado, aqui na favela é assim: se correu é culpado, se escondeu também é culpado, e assim várias vidas inocentes se perdem, a do nosso pai foi uma delas, todo dia sinto falta do Seu Josué, mas o Gui sentiu mais, quando descobrimos que o tiro foi de um soldado, algo mudou nele.

Ele estava decidido a vingar nosso pai, e então se perdeu. Ele matou o soldado que matou nosso pai, entrou para movimento, e subiu rápido hoje ele manda em tudo por aqui. Tentou várias vezes me levar para lado dele, mas eu nunca sucumbi, nem mesmo quando de fome eu quase morri, ou quando esperei 36 horas na fila do SUS com minha mãe diabética. O mundo é injusto, pobre nasce para sofrer, mas eu batalhei pra ser melhor, ele escolheu o caminho mais curto.

O mundo julga demais, eu jamais julgaria meu irmão, nosso pai morreu pelas mãos de quem deveria nos proteger, a revolta dele tem sentido, mas ele não é melhor que o soldado, quando ele o matou, se tornou um assassino. O Gui teve uma escolha, assim como eu e você, e na realidade, todos têm um demônio interior, o Gui deixou ser controlado.

No último natal minha mãe me deu um terno completo, com direito até a um sapato social e um relógio lindo, disse que eu me tornaria um homem da lei, me lembro da sensação enquanto meu irmão pega sua arma, eu senti de novo, e por alguns segundos esqueci que vou morrer, e nunca usarei meu terno.

O Guilherme pôs arma na minha cabeça e disse: “-Irmão você vai morrer se continuar morando aqui, descendo e subindo o morro todo dia, indo pra faculdade se dizendo melhor que os homens do movimento.” Abaixando a arma ele disse: “- Eu não consigo te matar eu te amo, mas toma cuidado”

Naquela mesma noite decidi sair com minha mãe. Nós fomos até o bar do Seu Zé, enquanto ríamos da vida, ouvi o sinal que a polícia estava invadindo o morro, meu coração disparou, pois não havia tempo para correr, só podíamos nós esconder, empurrei minha mãe para o lado, e cobri sua cabeça com minhas mãos.

A guiei pelo caminho da nossa casa, e foi quando ouvi os disparos. Senti um gosto amargo em minha boca e a toquei, era sangue, eu tinha sido atingido, meu corpo enrijeceu e soltei minha mãe. Cai ao chão e logo em seguida minha mãe também. Tentei manter meus olhos abertos, mas não conseguia, senti minhas forças se esvaindo e meu corpo finalmente cedeu.

A última coisa que vi foi o corpo de minha mãe estirado ao meu lado.

1º Lugar

Autoria: Maria Eduarda Gomes

Colégio Estadual Professor Jairo Alves Pereira, de Eunápolis.

Dramaturgia
Categoria: público interno

Espectáculo musical *Morena flor*

Cenário: Uma quartinha com rosas brancas em frente ao palco, fotos e quadros com imagens originais do casal Vinícius de Moraes e Gessy Gesse, um telefone antigo, quadros com fotos do casal, uma mesa perto dos músicos, uma garrafa de uísque e um ornamentos de flores brancas (Oxalá, orixá de Vinícius) e vermelhas (Iansã (orixá de Gesse). Músicos em cena.

Áudio em off: “Eu preciso falar. Poeta... Queria Te contar sobre o meu encontro com ela. Tantas coincidências... Gessy Gesse. Sua eterna musa. Quem é Gessy Gesse? É a força da natureza. É a poesia. É a Bahia. Um dia estaremos juntos poeta Vinícius de Moraes, eu, você e a sua Morena Flor”.

Entra a música ao vivo: O VELHO E A FLOR (Vinícius de Moraes)

Mariana: Eu preciso falar. Eu preciso saber de onde vem. De onde venho. Eu... eu me misturo à ela. Me misturo à ele. Mineira? Baiana? Quem são elas? Quantas? Quantas são as mulheres que habitam em mim? De onde elas chegam? Pra onde elas vão? E quando elas entram em cena? Não importa. O poeta amou todas as mulheres. E como não amar Gessy Gesse? Tive a honra de conhecê-la em Salvador e pude entender os motivos que levaram o poeta a se apaixonar por ela. Minha mãe Baiana. Tantas coincidências me unem a essa história. Mas isso é assunto para outro espetáculo. O que é ser mulher? Pra mim a força feminina é como o movimento do mar. Às vezes destruidora, às vezes pacífica, às vezes serena. (**Entra Tamborim**) Mulher, substantivo feminino original do latim, que, segundo o dicionário significa “Mulher feita”, companheira conjugal, esposa, amante, concubina. Na tradição, como indivíduo ou coletivamente, representação de um ser sensível, delicado, afetivo, intuitivo; fraco fisicamente e indefeso. (Gargalhada) Será?

Eu, mulher, mãe, solteira, artista, às vezes me pergunto: Qual é o limite da força da feminina? Brigo com Deus, não obtenho respostas. Impostas? Abram as portas da alegoria da alma e gritemos aos quatro cantos, eu posso tudo! A vida nunca foi fácil, mesmo antes de existir... a arte... ó arte! Arde em meu peito, consome em minha alma e coração aquilo que me é substantivo, adjetivo pra viver. Vem... que a vida é breve e antes que eu me entregue, venha... a me possuir!

Entra a música “Carta de amor” de Maria Betânia

Mantém o tamborim, pra mim... pra todos!

Tamborim

É difícil esse corpo habitar essa alma. Nunca fiz teatro pra obter glória, popularidade... O teatro pra mim mais do que um ofício, é um sujeito. Meu companheiro fiel. Meu amante ideal. Leal. Faço teatro porque a realidade é a droga mais forte que existe. O mar me escuta o tempo todo. Eles pensam que a maré vai mas nunca volta. Até agora eles estavam comandando o meu destino e eu fui, fui, fui recuando, recolhendo fúrias. Hoje eu sou onda solta e tão forte quanto eles me imaginam fraca. Quando eles virem invertida a correnteza, quero saber se eles resistem à surpresa, quero ver como que eles reagem à ressaca.

Entra a música CANTO DE IEMANJÁ de Vinícius de Moraes e Baden Powell.

Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1913, nascia o mito Marcos Vinícius de Moraes, mais conhecido como Vinícius de Moraes, Vininha, Poetinha, ou apenas, Vinícius. Sua vasta obra passou pelos meandros da literatura, teatro, cinema e música sendo reconhecido e aclamado com excelência em todos os seguimentos propostos.

Rio de Janeiro, 1969. Nasce o amor de Vinícius de Moraes e Gessy Gesse.

Apresentados por Maria Betânia em um restaurante, onde o também diplomata Vinícius de Moraes se apresentava. A paixão foi instantânea e imediata. O que segue, é o casamento em um ritual cigano, onde ambos trocam o sangue dos pulsos cortados. Assim nasce o amor consolidado pelo místico. Venho agora, caros espectadores, convidá-los ao passado para reviver essa história de amor. SEJAM BEM VINDOS À CASA DE VINÍCIUS DE MORAES E GESSE GESSY.

Mariana sai de cena e entra Gesse Gessy, a Baiana

Troca de Roupa – Vestido vermelho

Gessy em cena: Eu, sou a 2º de 6 filhos biológicos mais um irmão de criação. Quando meu pai conheceu minha mãe ela tinha 4 aninhos. Esperou ela fazer 14 e casou com ela. Pense. Dona Jecelina faleceu com 51 anos. Filha de uma Índia Tupinambá era chamada pelos branco de Dona Mucinha e era tão caridosa quanto minha avó. Isso não posso negar. “Ó pá isso!” Minha vó fazia melaço de mastruz pra curar tuberculose, água de maxixe pra curar catarata, que tem muito, hoje em dia. Que é o quê? Que dá aonde? Aqui ó, no olho, cinza de carvão pra curar feridas crônicas, que tem muito também, que é aquele machucado que não melhora nunca, num é o que? e usava a flor e o a raiz da planta bem – me- quer no álcool durante três luas enterrada no quintal pra curar reumatismo. Mas não vá fazer isso que isso era coisa de índio. Meu pai, Manuel José de Deus (que é um nome bem português, mas não é, é baiano) também é filho de uma Índia Tupinambá que foi tirada do seu povo com 2 irmãs por uma capataz para serem escravas de um canavial no estado da Bahia. Minha vó, aos 15 anos, estuprada, violentada, dentro de um canavial, morreu de parto sem conhecer o filho. As irmãs foram expulsas do canavial logo depois para que a história não fosse descoberta, mas com a promessa de cuidarem do menino, meu pai faleceu aos 91 anos. O poeta conviveu com os dois na Bahia e os chamava de “Paínho” e “Maínha”. Saudades dos três. Porra...

A BENÇÃO BAHIA – Vinícius de Moraes.

Gessy Gesse: Cresci. Era a mais cismada dos irmãos. Meu 1º amor era quase platônico. Era meu morena lindo, meu nego. E eu, e a nega dele. Ele tinha uns 12 anos e ficava me olhando sempre que eu passava na rua dele com minhas amigas. Até que um dia ele resolveu puxar assunto. Tinha que ser rápido porque a gente tinha muito medo do meu pai. Ah mas que paixão viu?! Rapaiz..Depois de um ano de muito papo é que começamos a andar de mãos dadas até o dia que meu pai nos viu.

Neguei até a morte!

Mas não tinha jeito. Não adiantou meu pai proibir e entrei pro coral da igreja pra ficar mais perto dele. E de Deus! Mas as freiras descobriram e contaram tudo pro meu pai. Aí lá vai a baiana ser proibida de frequentar o coral. Fiquei pensando em como a gente ia se comunicar à partir dali. Mas ele pensou antes. Minha casa tinha um muro não muito alto. À noite quando a porta estava fechada, ele ia lá no meu muro e colocava uma caixa de fósforos com um bilhete dentro (sempre dizendo que me amava muito, que eu era muito linda, que eu tinha muito charme), e quando amanhecia eu ia correndo pro muro pra buscar o bilhete e deixar outro na caixinha pra ele buscar. Ficamos muito tempo nesse pombo-correio. Esse, era o watsapp poético da época. Não essa palhaçada de hoje que você pergunta se a pessoa te ama e ela te manda um jóia... Falando em zapzap, a outra morena flor, a mineira, falou que deixou uma caixinha de fósforo embaixo de alguma cadeira aí, você podem olhar se tem? Veja aí. Veja aí! Se não tiver ela deixou outra aqui com Alcione... já vou dizendo que isso é coisa da outra... não tenho nada com isso... A gente se gostava tanto que fizemos até um pacto de greve de fome pra ficar doente, ir pro mesmo hospital e se possível até morrer juntos. Mas não deu certo. Eu comia demais. Até pão duro eu comia de madrugada. Num é o que? Tudo ia muito bem, muito lindo, até o dia da festa de São João. Minha mãe costurava vestidos pra gente usar nas festas de Natal, aniversário, São João e Ano novo. Eu tinha mania de desenhar meus vestidos e aí era só explicar pra mãe como eu queria. “Mãe, eu vou usar um vestido, vermelho e branco, com a saia aqui rodada branca e com pregas no fundo na cor vermelha”. Assim foi. Eu era cheinha, mas tava me sentindo naquela roupa. Pois bem, fui pra festa. Ohômi chegou lentamente perto de mim e disse: “Nega, tú tá parecendo um balão”. Ah... a paixão acabou ali! Eu não sei se o desgraçado queria me elogiar ou acabar com a minha vida. Um amor tão lindo... se findava naquele São João. Ah poeta... (falar com violão como se fosse Vinícius? Dançar com ele?) Você me chamava de sua Jaguatirica lembra? E o meu lado neta dos índios Tupinambás dizia que andava feito pantera e às vezes como menina. Quando eu prendia o cabelo e ia pra cozinha, ficava me observando... com o seu copo de wísque na mão, como quem acredita ser o próprio alimento. E eu, como boa capricorniana que sou, precisei conhecer a doçura e a força de um libriano pra perceber meus amigos, que a luz precisava da treva. Foi você poeta, você escreveu o poema da luz e treva pra mim. Ah, até agora eu não me apresentei. Essa é a imagem da mulher que o poeta conheceu. Eu sou o passado e o presente. Meu nome?

Entra a música E POR FALAR EM SAUDADE de Vinícius de Moraes.

Já cheguei e estou aqui! Lembro-me como se fosse hoje. Decidi que era hora de conhecer o Rio de Janeiro. Liguei pra Maria Betânia! “Já cheguei estou aqui!” Ah não vou não... Isso é coisa de intelectuais, coisa chata! (Pausa) Eu vou! Betânia me convidou para uma festa em Ipanema onde o poeta “ia botar a mão no cimento” que era uma versão carioca da calçada da fama. Quando cheguei a homenagem já havia acontecido.

Ele, que conversava com um casal não tirava os olhos de mim, foi o que vieram me dizer. A última coisa que me passava pela minha cabeça era ser mais uma na vida de um mito. Ele, saudava a distância erguendo o copo de uísque. Essas coisas que homem faz. Não demorou muito Betânia nos apresentou, disse que tinha alguma coisa pra fazer e saiu. Ficamos eu, Phit e Adelson do Prado. Dentro de pouco tempo Phit também levantou, depois Adelson, cada um dando uma desculpa mais deslavada que a outra. Vou ali e volto já. Vou ali e volto já. Tudo combinado, o poeta já tinha armado tudo! Fiquei sozinha na mesa pois eu não sabia voltar pra casa, já que não conhecia o Rio de Janeiro. Então ele veio... falei que estava esperando a volta dos meus amigos, mas acabou entregando o jogo. “Eles não vão voltar.” Eu disse: “Como não vão voltar?” “Quem vai te levar pra casa sou eu!” Ahh... comigo não... Olhei firme pro sujeito e pensei comigo: “me comer na tora ele não vai”. Fisicamente eu sou mais eu, eu jogo capoeira. Dou-lhe um rabo de arraia. Na porrada eu ganho. Certeza! Hum... certeza. A sedução do poeta era na base do poema, do lirismo e a sensação foi muito forte. Rapaiz, a vida é ou não é a arte do encontro? E ainda tem as coincidências da vida... Eu sou atriz e quando eu fiz meu primeiro filme eu estava com 19 anos. Era um filme Francês chamado “Le Saint modic”, O Santo módico, e eu nunca tinha visto esse filme... Não passou aqui no Brasil e a uns meses atrás eu recebi uma ligação da França dizendo que o diretor desse filme tinha morrido e que queriam me entrevistar, perguntar como foram as filmagens desse filme dele e taltaltaltal.. e me trouxeram uma cópia. Quando eu fui ver o filme, a abertura do filme, gente é Berimbau, a música Berimbau de Vinícius e Baden. Então a gente já estava ligado antes de se conhecer... eu tinha 19 anos imagina... eu não sabia quem era o poeta... e depois, eu fiz outro filme, “O sol sobre a lama”, aí sim, ele e Pixinguinha, fizeram a trilha sonora do filme, e a minha personagem, quando aparecia, eles cantavam: “Morena, tem pena, mas ouve o meu lamento...” (cantarolar)... então, outra coincidência do destino. Eu comecei a carreira artística por acaso. Fui convidada pra ser garota propaganda da tv Itapuã e minha primeira experiência foi uma merda. Tinha que fazer propaganda de um espumante que chama ESPUMATE... Me colocaram de frente pra câmera olhando pra uma luz vermelha pra falar o texto que era mais ou menos assim: “Beba espumante. Espumante é mate gaseificado. Como é bom o espumante!” Eu disse tudo certinho, no capricho, mas no final do texto, não prestei atenção se a tal luz vermelha tinha apagado ou não. Aí, quando eu acabei de tomar o tal do espumante, eu fiz o sinal da cruz e disse no ar: “Graças à Deus!”. Aí lascou, era ao vivo! No dia seguinte saiu a nota no jornal: “A nova apresentadora do Espumante é muito católica, ou o produto é muito ruim”. Mas pra minha sorte, a minha reação espontânea ganhou o público e eu fui contratada. Depois disso foram muitos trabalhos no teatro, no cinema... e fiquei apaixonada! Amo minha profissão! Gosto do trabalho, dos meus projetos, minhas palestras, minhas criações. Sou muito agitada! Também pudera, eu sou hiperativa. Nossa menino, meu deu uma tontura aqui agora...

Eu sou a Rainha da labirintite. Direto eu fico tonta. Isso é uma merda... Deve ser por isso que nunca consegui andar de bicicleta. Mas também eu não tenho idade pra andar de bicicleta, nunca andei de bicicleta, não vou aprender. O poeta uma vez comprou uma bicicleta e o caseiro ficava segurando pra eu pedalar. Caía eu e o caseiro. Eu dizia: “Vamos desistir”. Realmente, sei lá. Então chega, desisto, eu não ando de bicicleta, eu não quero bicicleta e pronto acabou! Moto, também não. Eu vou arrumar um Jegue. Não vou carregar muito peso no meu jegue. Posso ir no supermercado, numa farmácia. Então, eu vou fazer é isso. Eu sou ousada! Momento Acarajé. Momento encarte. Momento toalha

(A personagem continua falando sozinha enquanto a música vai entrando) Música Morena Flor.

Ao contrário do que muita gente pensa, Vinícius era tímido. O uísque ajudava a encarar os shows e as pessoas. Li em algum lugar que o álcool funciona como um colchão de sociabilidade e acho que quem falou isso está certo. Muitas vezes, eu facilitava as coisas pra ele beber, porque percebia a dificuldade dele até no normal, dentro de casa; Não com Dolores ou comigo, que gostávamos dele com ou sem uísque. Dolores foi, definitivamente uma pessoa especial em nossa vida. Dô foi morar na casa da Gávea, no Rio, em 1971 para fazer a comida baiana que tanto me fazia falta. Não aguentava ficar muito tempo sem o dendê, o acarajé, sem a moqueca. Mas além da comida, quando alguém chegava em nossa casa, ele já convidava para um uisquinho. Quando ia fazer um show que começava às nove da noite, às cinco da tarde ele já abria os trabalhos com a primeira dose. Mas ao mesmo tempo o poeta sempre teve senso de ordem. Adorava medicar as pessoas... tinha prazer nisso e entendia muito de remédio. Dizia sentir-se um médico frustrado. O que, de fato, desejava na vida era ser médico e ator. Agora teve uma época que Vinícius cismou de fazer uma dieta e emagreceu demais. Eu fiquei preocupada porque ele não usava a porra da cueca, nem a merda do cinto porque dizia que apertava as coisas. E dizia que era aquilo mesmo, que não tinha jeito e tal e tal e tal... E toda vez ele levantava no show eu ficava aflita da calça cair na frente do público porque isso já tinha acontecido num restaurante no Rio. Hum. Vinícius estava tomando todas e mais algumas, no porre mesmo, e perguntei: “Já quer ir meu filho?” E ele: “Não, vamos ficar mais”. E levantou. Quando dei por mim a calça já tava aqui, com nada por baixo, ele andando e a coisa né? Daquele jeito... Pense! Rapaiz... Já me piquei da cadeira, peguei a calça por trás e dei-lhe aquele, sabe como é? Hum... sabe né? Aquele tranco... e ele? Não tava nem aí... Tive que pegar o homem pelo pinto mesmo.

Vinícius era assim... espontâneo demais... Sabia o real valor das coisas... desde a alegria até a tristeza.

Entra SAMBA DA BENÇÃO

Estávamos numa festa, eu, Vinícius e alguns amigos... a festa era chique demais e o poeta fez questão de tomar todas as doses de uísques que os garçons ofereciam e eles estavam adorando servir o ídolo. Quando pensa que não, papo vem papo vai, Vinícius sentiu a bexiga apertando.

Eu não sei se foi por preguiça de ir até o toalete, ou por embriaguez, que ele simplesmente me pediu: “Filhinha, arruma uma latinha ou uma panela que eu não toaguentando mais”. Levantei da mesa, muito chique, segui o corredor e achei uma porta aberta. Pra minha sorte, quando entrei, aquilo era uma despensa... O primeiro apetrecho que vi, peguei e coloquei de baixo do braço. Joguei o casaco por cima pra cobrir a vasilha e fui... muito chique. Naquele momento eu tinha duas felicidades: uma que ninguém tinha me flagrado roubando vasilhame. E a segunda, aliviar o meu amor. Cheguei discretamente, sentei e passei aquele objeto por baixo da mesa. Olhei pra ele, e ele lívido..com a calma que só o desespero dá... e a feição ia mudando... as bochechas rosinhas, o olho meio caído de tanto uísque e ali estava o prazer e o alívio em pessoa...Haa... até aí tudo bem.. quando olho em volta, tô vendo o povo se esquivar da mesa... sem mais nem menos... quando olhei para o utensílio eu me lasquei.. a miséria era um corredor de arroz.. só me restava catar meu marido, pedir licença, dar boa noite e me picar... Menino, mas eu tô contando coisa demais da minha história com o poeta... Se quiser saber compre o livro “Minha vida com o poeta” que tem muito mais... que eu não sou besta, sou Baiana.

Lembrando disso tudo me dá uma saudade... Tenho certeza de que vamos nos rever na eternidade. Disse outro grande poeta, Carlos Drummond de Andrade, em carta enviada à Vinícius: “Ainda não conheci Gesse, mas parece que a conheço há muito tempo, pelo entrosamento de vocês dois”. Para os que ficavam falando e criticando a escolha dele ter deixado o Rio para morar na Bahia comigo, ouvi de sua boca que só tinha a dizer que era feliz, queria ser feliz e estava feliz, ele e a sua mulher.

Entra a música samba de Gesse.

Ficou sempre muito claro o quanto Vinícius se sentia à vontade na Bahia, em sua casa, com gente amiga. Era o homem despido na simplicidade e acho que andava cansado do mito, do Vinícius no plural, do “mais de um”. Gostava de ver o pôr do sol de Itapuã, tinha essa necessidade, por isso eu brigava, encarava qualquer um pra deixar o poeta quieto, nas suas reflexões. Quem dormiu com ele e ouviu os seus lamentos fui eu. Quem tinha que equilibrar o lado dele, na época, era eu. O poeta tinha uma pureza impressionante, rara, amava os animais, nossa casa era cheia deles. Era uma festa! Amava as crianças, às vezes achava que era uma delas. E era. A relação de Vinícius com meus filhos era a melhor possível. Minha filha Rose, quando era uma menininha, sentia muito medo de dormir sozinha no escuro. Vinícius ia lá, e ficava de mãos dadas com ela cantando até ela dormir.

Entra a música MENININHA

Sim. Ele tinha uma admiração imensa por Mãe Menininha do Gantois. Desde que o levei para conhecê-la, a relação entre os dois ganhou força e ficou cada vez mais bonita, e o que Mãe Menininha dizia era Lei.

A intimidade e empatia dos dois era impressionante, e foi Mãe Menininha que curou o medo dele de avião. Quando eu conheci o poeta, ele não entrava em avião por nada nesse mundo. Viajar, só de navio ou carro. E quando a gente fazia aquelas viagens longas de navio era aquela aporrinhção. Mas Mãe Menininha, com toda a sua bondade e sabedoria lhe disse: “Olha, meu filho, você é filho de Oxalá e vou lhe dar um conselho: viaje com seus amigos, vá fazer o seu trabalho, vá se divertir. E nunca pense no fim das coisas, pense sempre no começo delas”. Aí ela acabou me dando uma orientação pra preparar, antes das viagens, uns bolos de farinha pra passar no corpo de Vinícius antes de embarcar, jogando-os depois pra trás. Assim eu fiz e aos poucos ele foi adquirindo confiança pra entrar em avião. E a confusão que dava às vezes pra embarcar e desembarcar com esses bolinhos de farinha? Gente da Alfândega chegou a pensar que era droga. O que sei, é que Mãe menininha o considerava um filho querido, amado e de toda a confiança.

Entra a música Meu pai Oxalá

Quem queria bem a Vinícius tinha todo o meu colo, minha aceitação. Mas quando via que era pessoa invejosa e não tinha energia boa aí não tinha jeito, batia comigo de frente! Vinícius pouco percebia da malícia e da negatividade, tinha que ser protegido. Sabe aquele bebê que a gente tem que impedir que ponha na boca o que não presta, a pimenta que pode arder? Pois eu ficava de olho na docilidade dele em fazer as coisas que certas pessoas pediam. Sei lá... “A hora do sim é o descuido do não”, e ele não sabia dizer não e acreditava em todo mundo, não tinha maldade, não se tocava que alguém tivesse a intenção de se aproveitar. Ele era muito generoso. Ele não precisava dizer o que era, quem era e o que fazia de bom. Ele simplesmente era, é e sempre será.

Entra Canto de Ossanha (primeiro só a parte instrumental) enquanto a personagem diz:

É insuportável a minha saudade de você, ela ainda é muito física porque você está entranhado em mim pelo sangue, pela alma e pelo amor eterno que juramos. Lembra do nosso casamento cigano? Sempre me perguntam: “Você ficou com alguma coisa de Vinícius?” Minha resposta é sempre a mesma: “Fiquei. Fiquei com a coisa mais preciosa. O sangue dele, que cruzou com o meu no pulso no nosso casamento cigano... Essa é a minha herança. Eu vou levar esse sangue até o última dia da minha vida, assim como ele levou o meu. Eu queria era ele vivo. Vivo. Só quem ama sabe renunciar, sem dor, sem trauma. Eu não mudaria nada. O que importa é que foram 7 anos bem vividos e muito bem amados. Nunca fiz a deslumbrada, a musa, eu era de fato, a mulher, a Maria Bonita, a cangaceira ali, ao seu lado, firme e forte, a mulher. É o que eu fui. E seria de novo.

Entra Eu sei que vou te amar.

Quando a música termina, imagem de Gessy Gesse e Mariana em Salvador projetada.

FIM!

1º Lugar

Mariana Lobato

Curso de Especialização em Pedagogia das Artes: linguagens artísticas e ação cultural

Memória de todas as cores: histórias de vida LGBT

Apresentação

Trata-se de uma ação performática intitulada “Memórias de todas as cores: Histórias de vida LGBT”. A performance traça um percurso das fases em que comumente a maioria dos LGBT’s experienciam no decorrer da vida. As fases são representadas por cores e poemas. Sendo a infância marcada pela cor branca, a pré-adolescência pelo verde e o azul, para a adolescência o vermelho, à juventude a cor violeta, e na fase adulta o arco-íris. Percebe-se que a homofobia e o desrespeito em geral da pessoa LGBT são assuntos que por vezes são ignorados, e que até há pouco tempo não eram considerados crimes no Brasil. Esta performance vem trazer uma percepção mais íntima da vida comum LGBT, para que o espectador possa compreender de maneira mais ampla e artística as possíveis fases que tais indivíduos vivem no decorrer de suas vidas. E que, a partir dessa nova percepção, assimilem que essa minoria também merece respeito e tratamento igualitário, além de que tais assuntos, vistos como tabus, devem ser tratados com maior naturalidade dentro do âmbito familiar.

Antes da performance passa-se um vídeo legendado como introdução:

INTRODUÇÃO

Música: Somewhere Only We Know Instrumental (Instrumental)

Tempo: 3:36

Boa noite!

Gostaria de convidar você para refletir comigo sobre algumas questões.

É sobre as cores:

Que cor tinham as coisas?

O que da cor do dia fica impregnado na sua retina?

Se acumula na sua memória?

Qual a relação das cores com a sua memória e sua história?

Qual a relação da cor com o cinema e com as artes?

A cor expressa, impressiona e desperta sentidos em espetáculos, efervescências e transcendências. A cor nasce em movimentos, manifestações, construções, narrativas e sensações.

Tá na pele, na memória, no olhar, na parede, na fachada, no sorriso e na fotografia

Como as sete cores do arco-íris...

PERFORMANCE

Cenário: Palco com bandeiras coloridas ao fundo / Projeção dos poemas na parede ao fundo.

Iluminação: Cada cena é iluminada com uma cor correspondente.

Figurino: Camisa branca, leggings preta e sapatilha branca.

Músicas: Cada fase da vida será representado por uma cor e um poema narrado com músicas instrumentais distintas.

ROTEIRO

CENA 1 - INFÂNCIA

Cor: branco

Música: Into The Dark (Sebastian Larsson)

Tempo: 2:43

Apresentação: Fase inicial da vida onde o LGBT percebe que não é igual aos demais. Sente o desejo homossexual mas isento de malícia, ainda tudo é puro e inocente. Percebe que as pessoas ao redor reprime tais desejos na sociedade, e com isso passa a perceber que sentir atração pelo mesmo sexo é uma coisa diabólica. Nasce aqui uma repressão e angústia sem medida.

Os movimentos em cena buscam demonstrar: pureza, inocência, medo, repressão, tristeza, incompletude, etc.

POEMA I - BRANCO

A sua infância, remete-se ao branco

Nasceu colorido mas sem cor

A cabecinha era boa... de menino triste

De menino triste que sofre sozinho

Que sozinho sofre - e resiste

Cabecinha boa de menino ausente

Que de tanto sofrer se fez carente

E não sabe mais o que sente...

O branco, não mais o preenche

Menino mudo

Menino mudo que não teve nada

E que não pediu nada

Pelo medo de perder tudo

PERFORMANCE

Cenário: Palco com bandeiras coloridas ao fundo / Projeção dos poemas na parede ao fundo.

Iluminação: Cada cena é iluminada com uma cor correspondente.

Figurino: Camisa branca, legging preta e sapatilha branca.

Músicas: Cada fase da vida será representado por uma cor e um poema narrado com músicas instrumentais distintas.

ROTEIRO

CENA 1 - INFÂNCIA

Cor: branco

Música: Into The Dark (Sebastian Larsson)

Tempo: 2:43

Apresentação: Fase inicial da vida onde o LGBT percebe que não é igual aos demais. Sente o desejo homossexual mas isento de malícia, ainda tudo é puro e inocente. Percebe que as pessoas ao redor reprime tais desejos na sociedade, e com isso passa a perceber que sentir atração pelo mesmo sexo é uma coisa diabólica. Nasce aqui uma repressão e angústia sem medida.

Os movimentos em cena buscam demonstrar: pureza, inocência, medo, repressão, tristeza, incompletude, etc.

POEMA I - BRANCO

A sua infância, remete-se ao branco

Nasceu colorido mas sem cor

A cabecinha era boa... de menino triste

De menino triste que sofre sozinho

Que sozinho sofre - e resiste

Cabecinha boa de menino ausente

Que de tanto sofrer se fez carente

E não sabe mais o que sente...

O branco, não mais o preenche

Menino mudo

Menino mudo que não teve nada

E que não pediu nada

Pelo medo de perder tudo

CENA 2 - PRÉ-ADOLESCÊNCIA

Cor Verde e Azul

Música: ÆØÅ (Hank Hobson)

Tempo: 5:03

Apresentação: O LGBT nesta fase de pré-adolescência ainda encontra-se imaturo, despreparado e inseguro. Vive sob o teto dos pais uma angústia contínua. Os dias passam comumente mas por dentro ele está morrendo, sufocando-se com tudo o que ele é! mas que já

não consegue esconder. O desejo é sentido como algo mais forte do que ele, pois não se trata de escolhas mas de algo intrínseco e que não pode ser mudado ou controlado.

Os movimentos em cena buscam demonstrar: despreparo, incertezas, desespero, angústias, prisão do seu eu, etc.

POEMA II - VERDE E AZUL

Da sua pré adolescência... o verde.
O verde, revela sua imaturidade
Suas angústias e amarguras

Sob o teto dos pais a liberdade lhe falta
Preso no seu interior o desejo lhe mata
Por ser diferente não se sente contente
Incompreendido, prefere o suicídio...

Alma negra, pele clara
Mestiço de delicadeza e rigidez

Aquele que sufocava o coração - com borboletas rosas - ao assistir sessão da tarde.
E dormia no auge dos seios para sentir-se acalentado, protegido, aquecido

Dominado pelo apego, a coragem lhe falta quando o assunto é aventurar-se
Usava verde cheio de reflexões, colocando a razão... a priori da emoção

Ansioso? O branco lhe causava tédio
- Corpo inquieto... mente florida... ouvido aguçado... fala contida

Indeciso? o azul te tranquiliza
A mais fria das cores frias

Aquela que lhe trouxe a beleza do mar profundo, e o infinito do céu radiante
Mas que quase lhe tirou a vida
Ou melhor, lhe deu uma nova vida
Pois de tanto preconceito, não foi aceito!
Mas há males que vem para o bem
Assim como afogamentos para se renascer...
Sortudo? pode ser!
Mas chamo isso de conspiração do universo
Pois sua trilha encontra-se traçada e tudo na vida possui um sentido... basta descobrir

CENA 3 - ADOLESCÊNCIA

Cor: Vermelho

Música: Ice berg Instrumental (Jessee Sims)

Tempo: 3:29

Apresentação: Apesar do LGBT ainda se encontrar reprimido, nesta fase é onde ele sai para conhecer novos corpos, os hormônios estão à flor da pele e a libido exala feromônios. É o momento de descobrir os prazeres sexuais sem medo de lançar no desconhecido. Apesar de não ter encontrado suporte dentro do âmbito familiar, ele encontra apoio entre amigos na rua e nos corpos experimentados.

Os movimentos nesta cena buscam demonstrar: a libido, sexualidade, liberdade, busca do desconhecido, prazer, etc.

POEMA III - VERMELHO

Descobrimo-se na adolescência
O vermelho inflama a fase da libido
Conhecer o mundo de cores fora do cubículo
Corpos na vitrine
Encontros de fogo
Momento de aventurar-se...

Mente confusa, mas deixa fluir... pois sempre quis estar ali
Se lança nos braços
Mas ninguém o segura

Ao chão incertezas da purificação
Sim, eles dizem, é uma aberração!

Mas esse momento é vermelho
É fogo
É sexy
É vida
É Curiosidade
É desejo
É encontro
É perdição
Fuga da razão
Encontro da emoção
É liberdade

CENA 4 - JUVENTUDE

Cor: Violeta

Música: We Had Today (Steven Bear)

Tempo: 3:10

Apresentação: Uma das fases mais difíceis para o LGBT. Trata-se do momento em que as pessoas julgam o homossexual, lançam palavras afiadas sem medo de feri-los. As acusações e os olhares discriminados são recorrentes. A repressão vem de todos os lados: familiares,

amigos e trabalho. Passa a perceber a grande mentira que seu corpo transparece para sobreviver. A luta é diária no seu interior e com isso se torna incompreendido.

Os movimentos em cena buscam demonstrar: repressão, dor, rejeição, vergonha, sofrimento, angústias, tristeza, desamparo, incompreensão, etc.

POEMA IV - VIOLETA

Em plena juventude
Disseram que violeta é cor de mulher
Mas quem ele realmente é?

Ainda escondido
Reprimido, sua moral lhe controla

O falo é um fardo
O corpo, a farda da farsa
Ele é o grito,
O berro, o urro e o erro
Sua alma é uma menina
E seu corpo uma mentira
Não é homem nem mulher
Um ser que sobra e que falta

Naturalizado pela dor
A rejeição se instalou

Agora, a cor violeta toma conta do seu eu

Na escola foi chamado de bixa
No trabalho olhares discriminados

Em casa a dor de ser julgado

Família abalada
Amigos perdidos
Estrada solitária
Segue agora incompreendido

CENA 5 - ADULTO

Cor: Arco-íris

Música: Pacific (Sleeping At Last)

Tempo: 2:57

Apresentação: A liberdade realmente está fora do armário. No momento que o LGBT se assume tudo se torna mais leve. As cores por fim preenche seu coração. Não há mais nada do que se envergonhar. O respeito dos amigos e familiares vem a partir desse momento. A identificação do seu próprio eu, e a certeza de que ninguém pode mais zombar da cara dele por ele ser o que é. O arco-íris é pintado a cada dia com a certeza de cores vivas.

Os movimentos nesta cena buscam demonstrar: Identificação de si mesmo, reconhecimento, alegria, aceitação, verdadeira liberdade, etc.

POEMA V - ARCO-ÍRIS

A vida é maravilhosa, tudo passa... tudo muda

Da vergonha à aceitação
As cores por fim vem ao seu coração
A liberdade surge fora do armário
É o seu eu (agora) identificado
Assume-se sem medo da felicidade

Aliviado, lá fora há braços que o apoiam
Seguro de si... sente o vento soprar
Alegria é presente
Vê tudo se transformar...

Sonhos realizados
Lugar ocupado
É o seu arco-íris sendo conquistado

Momento de cores e vida
Todas as cores!

O arco-íris que brota do chão, parece pintado à mão
O arco-íris será um dia um grande escorregador de alegria
O arco-íris não há mais nada a dizer
Além de um sonho o que mais pode ser?

O arco-íris é libertador!
Das lembranças agora guarda somente o amor!

As memórias marcam
As memórias tem cor, tem vida, tem sabor
Deixe-as fluir em você
Afinal, o que somos... sem nossas memórias de todas as cores?

Menção Honrosa

Autoria: Rafael Alves Lima
Curso de Medicina / Campus Paulo Freire

Videopoemas

Trabalhos Premiados

1º Lugar

Alan Gomes de Oliveira

Curso BI/Ciências - Campus Sosígenes Costa

Link de acesso ao videopoema:

<https://youtu.be/NuwJaFfKfA0>

1º Lugar

Autoria Coletiva:

Alessandra Barbosa, Adão, Gilsária de Jesus Teixeira, Renata Gonçalves Bernardes

Campus Jorge Amado

Link de acesso ao videopoema:

<https://youtu.be/Q7UvVUc-E54>

[Houve empate no primeiro lugar]

Ficha Técnica

Universidade Federal do Sul da Bahia UFSB

<http://ufsb.edu.br>

Pró-reitoria de Extensão e Cultura PROEX

<http://ufsb.edu.br/proex/>

Realização

Centro de Formação em Artes e Comunicação CFAC

<http://ufsb.edu.br/cfartes>

Capa: Erlane Rosa

Estudante Bolsista: Larissa Malheiros

Coordenação Geral: Prof. Éder Rodrigues da Silva

Produção Cultural e Artística: Priscila de Cássia Pereira